

Educação Ambiental em busca do cotidiano



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE

27/08
C14e
042208
ex. 2



042208

17518

socioambientais
projetos de escola
sino Fundamental
Ciclo II - Cubatão

**Educação Ambiental
em busca do cotidiano**

**Subsídios socioambientais
para projetos de escola**

Ensino Fundamental
Ciclo II – Cubatão

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria do Meio Ambiente
2011

**CETESB - Companhia Ambiental
do Estado de São Paulo**

Biblioteca Prof^º Dr^º Lucas Nogueira Garcez
Av. Prof^º Frederico Hermann Jr., 345 Pinheiro,
05459-900 - São Paulo - Brasil
e-mail: biblioteca@cetesbnet.sp.gov.br

DOAÇÃO DE SMA - CEA
Data 13 / 05 / 2015

CLASS:	2708
AUTOR:	CHC
TOMO:	049208

C175e Camargo, Eder; Neres, Julio Maria; Rocha, Thiago Thadeu da

Educação Ambiental em busca do cotidiano: subsídios socioambientais para os projetos das escolas ensino fundamental ciclo II - Cubatão. - - Cubatão/SP : SMA/CEA, 2011.
100p. : 21x29,7cm.

Bibliografia

ISBN 978-85-62251-06-1

1. Educação ambiental 2. Escola-ensino fundamental 3. Cubatão I. Título.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador Geraldo Alckmin

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE

Secretário Bruno Covas

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Maria de Lourdes Rocha Freire

Apresentação

O pensamento pedagógico nutre-se da prática dos educadores, ao mesmo tempo que também a ilumina

Moacir Gadotti

O livro que aqui se abre representa o ponto culminante de todo um processo, promovido e animado pela Coordenadoria de Educação Ambiental (CEA). A caminhada orientou-se pelo interesse em construir formas de relacionamento com espaços formais de educação, em especial as escolas básicas. Pode ser compreendido, também, como o fim de um ciclo marcado pelo percurso investigativo pretensamente não científico e, mesmo assim, produtor de conhecimento valioso. Ainda que ponto culminante de um processo e final de ciclo, desejamos que este livro seja compreendido como uma contribuição da CEA para subsidiar debates e revisões sobre as práticas docentes e os projetos político-pedagógicos de escolas. Uma fonte de referências identificadas no ambiente, este constituído tanto por aspectos físicos como, também, atores, instituições, relações, conflitos, convergências enfim, um imenso repertório a servir de gerador de processos educativos a serem trabalhados pelas comunidades escolares. Ao representar o encerramento de um ciclo, o livro e a proposta que carrega apontam para o início de outros processos.

Cubatão é um município que apresenta, num mesmo território, as contradições que estão na base de uma sociedade estratificada. Explícita, também, aquelas que denunciam incoerências no modo de produção atualmente hegemônico. Maior Produto Interno Bruto (PIB) e pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Baixada Santista.

A Mata Atlântica Intangível, preservada por meio de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral; manguezais; refinarias de petróleo, combustível fóssil que ainda é a base energética de nosso modelo de desenvolvimento; ocupações irregulares em áreas de risco, geradas por movimentos de trabalhadores em busca de melhores condições de vida e por deficiências no planejamento urbano; inúmeras rodovias recebendo todo o fluxo de mercadorias do maior

centro produtor e consumidor do país; aparentemente um não-lugar, de passagem, mas com moradores que fixam raízes e constroem suas vidas. De um lado, a natureza; supostamente de outro, a sociedade e sua forma de se organizar, produzir e reproduzir. Partindo de uma perspectiva crítica em Educação Ambiental, pode-se compreender que o território carrega elementos importantes para orientar e condicionar o currículo de sua rede pública de escolas a partir de questões socioambientais.

A Educação Ambiental em Cubatão vem sendo desenvolvida tanto nos espaços educativos não formais, como nos formais, ou seja, nas instituições de ensino. Corroborando às diretrizes do Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar, a CEA realiza esforços de fomento à formação de grupos de jovens, elaboração de materiais didáticos, de jogos educativos e outras intervenções nas escolas e fora delas também.

Com as escolas municipais de Cubatão, a CEA adotou a postura de identificar as ações já existentes em Educação Ambiental, em vez de investir na definição de parâmetros e modelos pré-determinados de práticas educativas com orientação socioambiental. Assim, o trabalho aqui apresentado guarda como ponto de partida as práticas docentes levantadas em sete escolas municipais. São experiências idealizadas, construídas e realizadas pelos professores. Portanto, uma das características da postura adotada pela CEA diante do espaço educativo formal se refere ao reconhecimento da potência criadora e construtora de conhecimento existente nas comunidades escolares. A contribuição deste trabalho se identifica com o respeito e valorização do trabalho docente, assim como com o incentivo à reflexão sobre a própria prática.

Buscando coerência com o debate em Educação Ambiental que questiona experiências com base em propostas determinadas externamente à escola, esta publicação construiu-se deliberadamente de forma aberta no que se refere ao processo de investigação. O percurso investigativo apresentou *pistas* que abriram inúmeras *trilhas* pelas quais todos os envolvidos puderam discutir suas concepções, posturas e ações pedagógicas. O conhecimento construído e produzido

a partir dos levantamentos, reconhecimentos, reflexões e debates deu origem a uma sintética, porém rica produção que deve servir como subsídio a discussões sobre a escola, seu multidisciplinar e complexo contexto, assim como a educação que se promove e que se busca.

Originalmente pensado para gerar um material que fosse *didático* para ser trabalhado por professores em sala de aula, este projeto – agora livro – buscou um resultado de maior alcance em termos políticos. Reúne as atividades docentes identificadas, o debate dos coordenadores pedagógicos sobre as mesmas, apontamentos contidos em políticas públicas e documentos oficiais municipais e federais, além de elementos do campo da Educação Ambiental como referências para problematização, discussão e revisão dos projetos político-pedagógicos das escolas municipais de Cubatão.

A intenção é ampliar a compreensão da Educação Ambiental, para além de práticas que valorizem comportamentos, informações essencialmente científicas, cenários catastróficos e um ativismo acrítico. Com tal postura, proposta de ação, dinâmica de realização e resultados alcançados, a CEA se coloca a serviço do fomento a processos formativos, que tenham por base a valorização do conhecimento construído nas escolas e por suas comunidades, buscando contribuir à reflexão, debate e revisão dos projetos escolares, com autonomia e capacidade crítica de quem o realiza.

Coordenadoria de Educação Ambiental

Ficha técnica

Secretaria de Estado do Meio Ambiente

Coordenadoria de Educação Ambiental
Maria de Lourdes Rocha Freire

Equipe técnica CEA – Serra do Mar

Ana Luiza Serra; Caroline Vivian Gruber; Bruno A. V. de Moura; Deise M. R. Simão; Luciana A. Nascimento; Mario M. R. Cardoso; Raphael E. Araújo; Renata G. Saraiva; Rodrigo Machado

Equipe Focos Educação e Pesquisa Ltda

Eder dos Santos Camargo
Julio Maria Neres
Thiago Thadeu da Rocha
Claudia Guazelli Charoux – Coordenação de Estratégias de Educação à Distância

Participantes dos Encontros Formativos

Ana Lucia Mello (SEDUC); Araxerxes Mocesto (UME Rui Barbosa); Denise Quinta (UME João Ramalho); Elizabeth Sarabando (UME Pe. Manoel da Nóbrega); Erika Odare (UME Pe. Manoel da Nóbrega); Felipe Choro (UME Martin Atonso); Isabel Guimarães (UME Usina Henry Borden); Marco Morgado (SEDUC); Regina Lavorato (NEA/SEMAM); Rodrigo Morales (PJ Mais);

Professores/as da Rede Municipal de Ensino Ciclo II

Carlos César Barbosa da Costa; Cynthia Helena das Neves Buzatti; Elsa Maria Tonin; João Augusto Buor; João Reinoldes; Luciana Rosa Bertagnoli; Maria Paula Prado de Moraes Pirañá; Paulo Bueno Guerra; Peter Lanes Manga.

Projeto gráfico e Diagramação

Ariane Stolf

Ilustrações

Valentina Fraiz

Fotos

Cesar Augustic Gananian, Eder Camargo e Thiago Thadeu Rocha

Revisão

Tomás Bastian

Agradecimentos

Aos/as diretores/as das escolas municipais Ciclo II de Cubatão: Centro Cultural da Espanha / São Paulo - Embaixada da Espanha (Caecid); Ana Lisboa;

Sumário

5. Apresentação
9. Sumário
11. Introdução
17. Capítulo 1 - Práticas socioambientais em Cubatão
 - 1.1 - Cartografia como método de pesquisa-intervenção
 - 1.2 - Cubatão: Cidade de Contrastes
 - 1.3 - Agentes e ações de educação ambiental em Cubatão
49. Capítulo 2 - Sistematização dos Encontros Formativos
 - 2.1 - Cartografia das Escolas
 - 2.2 - Arranjos Curriculares
 - 2.3 - Acompanhamento e Avaliação
73. Capítulo 3 - Contribuições Socioambientais para os Projetos das Escolas
 - 3.1 Gestão Educacional
 - 3.2 Formação de professores
 - 3.3 Práticas pedagógicas e avaliação
 - 3.4 Infraestrutura física e recursos pedagógicos
99. Bibliografia



Introdução

A declaração de Tbilisi (1977), primeira conferência intergovernamental e marco da Educação Ambiental, proclama entre os seus princípios que a educação ambiental deve “orientar o processo educativo para a resolução de problemas concretos do meio ambiente, através de enfoques interdisciplinares com participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade”.

Em termos gerais, isso significa que, embora ações que conquistaram notoriedade nos anos 1990 pela irradiação de práticas que relacionavam hábitos culturais e interesses econômicos como a reciclagem sejam importantes, “os objetivos da Educação Ambiental não podem ser definidos sem que se levem em conta as realidades sociais, econômicas e ecológicas de cada sociedade ou os objetivos determinados para o seu desenvolvimento”.

Nesse contexto, ganham destaque ações que disseminam práticas e valores a serem enraizados nas diversas instituições que compõem o cotidiano imediato das populações urbanas e rurais, entre elas as escolas.

Em 1997, a promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) regulamentou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), apresentou o meio ambiente como eixo transversal ao currículo e incluiu definitivamente a Educação Ambiental no ensino formal. A abordagem transversal lançou a possibilidade de qualquer disciplina abordar o tema e evitou a reserva do debate aos especialistas.

A última década foi marcada pelo fortalecimento de iniciativas dirigidas a questões ambientais dentro das instituições escolares e organizaram-se projetos com diversos enfoques: locais, regionais, temáticos ou interdisciplinares.

Ainda assim, na avaliação do próprio Ministério da Educação (MEC) a adoção do meio ambiente como eixo transversal “revelou-se uma prática de difícil implementação imediata, seja como política educacional ou prática pedagógica” (MEC, 2002). Isso significa que a escola precisa, a partir de suas práticas, aprofundar e inventar trabalhos que possam produzir efeitos na vida cotidiana e nas

aprendizagens dos alunos considerando a questão socioambiental.

Desse modo, deve-se perguntar: O que a escola entende por educação ambiental? Quais os caminhos já constituídos pelas escolas que têm como premissa a educação ambiental? Quais as aprendizagens que estão em jogo quando discutimos meio ambiente? Como articular as questões socioambientais aos projetos das escolas?

O objetivo deste trabalho é colaborar na discussão e construção deste caminho, valorizando o protagonismo das escolas, por meio do debate dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) e das produções das unidades municipais de educação de Cubatão do Ensino Fundamental Ciclo II já realizadas ou em processo de formulação.

A proposta de elaboração destes subsídios ocorreu por adesão voluntária das escolas e, inicialmente, previa a participação de professores e representantes das equipes técnicas das instituições interessadas. A articulação com a Secretaria Municipal de Educação de Cubatão indicou a necessidade de redefinir a participação dos professores e reconhecer o papel do coordenador no fortalecimento dos projetos políticos pedagógicos das escolas participantes. Considerou-se no redesenho da proposta a presença de iniciativas já direcionadas aos professores e a intenção de não conturbar o cotidiano escolar.

O público privilegiado desta publicação são os(as) coordenadores(as) pedagógicos(as) das escolas do Ciclo Fundamental II, mas também qualquer professor, gestor ou interessado na contribuição socioambiental que a escola pode desempenhar. A escola necessita da liderança e mediação de profissionais que vivenciem as diferentes tramas de seu cotidiano e se responsabilizem por mobilizar e articular diferentes atores de suas mediações. Sem envolvimento e mobilização não há construção e execução de projetos institucionais vinculados a questões socioambientais.

Isoladamente, ninguém torna-se capaz de pôr em prática um projeto escolar que pressupõe uma profunda apreensão da identidade socioambiental do lugar. Por este motivo, o material reforça a

importância do diálogo com outros atores de dentro e fora da escola, assim como do contexto socioambiental do município.

Alenta a estas e outras questões, a publicação Educação Ambiental em Busca do Cotidiano foi organizada em três capítulos:

I. Práticas Socioambientais em Cubatão

O primeiro capítulo foi dividido em três itens. No primeiro item, “Cartografia como método de investigação-intervenção” afirma-se a importância da escolha da cartografia como estratégia metodológica utilizada nas etapas que compõem o material – mobilização, formação e produção. O processo de investigação cartográfica não dissocia método e análise da prática. Ao investigar o território, relacionando-o e dialogando com as ações e atores locais existentes, pretende-se fornecer pistas que orientem as escolas na produção e fortalecimento de projetos socioambientais. Por esta razão, neste item são descritos os diferentes caminhos percorridos e personagens visitados no município e que, de certa forma, dão vida à presente publicação.

Nos itens “Cubatão: Cidade de Contrastos” e “Agentes e Ações de Educação Ambiental em Cubatão”, inicia-se um debate sobre o contexto socioambiental do município a partir das ações de educação ambiental realizadas por agentes das três esferas de governo, iniciativa privada e organizações de interesse público, dirigidas ao Ensino Fundamental Ciclo II. Acredita-se que a apresentação desse cenário, parte integrante do mapeamento de Cubatão, atualize e forneça às instituições escolares novos caminhos para a compreensão do papel dos atores de educação ambiental no município.

II. Os Encontros Formativos: uma experiência cartográfica

No segundo capítulo são sistematizados os principais pontos discutidos nos encontros semanais realizados com representantes das escolas e agentes locais de educação ambiental. A partir de três eixos temáticos, estes atores trocaram experiências, debateram questões e identificaram pistas referentes aos projetos e atividades das escolas, as aprendizagens esperadas e anunciadas em seus

projetos, bem como valores e escolhas na disposição de seu espaço, organização do seu currículo e envolvimento com a comunidade escolar. Nesse capítulo, também são apresentadas as atividades que fomentaram essas discussões, confirmando, assim, a utilização da cartografia como possibilidade metodológica participativa na elaboração dos projetos das escolas, com ênfase em questões socioambientais.

III. Contribuições Socioambientais para os Projetos das Escolas

Por fim, no terceiro capítulo destacam-se práticas e condutas para o fortalecimento dos aspectos socioambientais nos projetos das escolas, a partir de iniciativas públicas – tanto federais, quanto municipais – em atuação na cidade, além das pistas e contribuições do processo formativo e da investigação que constituem esta publicação.

Por valorizar a criatividade e autonomia da escola, esta publicação propõe reflexões partindo dos questionamentos dos(as) próprios(as) coordenadores(as) pedagógicos(as), de agentes locais de educação ambiental e das diferentes vozes e cores pertencentes ao cotidiano e história de Cubatão. Ao longo da publicação, são recomendadas referências teóricas, produções locais e práticas das próprias escolas sobre o tema, apresentadas em caixas de texto.

Portanto, mais do que um conjunto de prescrições de atividades e procedimentos a serem seguidos passo a passo, estes subsídios pretendem fornecer pistas e estratégias aos(as) coordenadores(as) pedagógicos(as) e outros membros da comunidade escolar para a construção de projetos institucionais pertinentes aos seus territórios.

No entanto, vale dizer que há, entre os representantes das escolas, a preocupação de que o papel da escola na publicação dialogue com uma proposta de educação voltada para um outro modelo econômico, não apoiado em uma lógica excludente, analisando e

questionando o contexto socioambiental de Cubatão.

Outra aposta por parte das escolas é de que este produto seja amplamente divulgado e ganhe visibilidade. Segundo os/as coordenadores/as, inúmeros projetos chegam às escolas e são por elas executadas em parceria com outras instituições, mas poucos são aqueles em que há o reconhecimento do seu envolvimento e esforço.

Espera-se que esta publicação contemple e legitime estas expectativas.



Capítulo 1

– Práticas Socioambientais em Cubatão

1.1 Cartografia como método de pesquisa-intervenção

O papel e compromisso do Coordenador Pedagógico se assemelha ao do cartógrafo. Ambos devem ficar atentos e sensíveis para observarem as diversas pistas – ações e conflitos, por exemplo – existentes no ambiente a ser investigado. (Denise, coordenadora pedagógica da UME João Ramalho)

Como afirmado na introdução, o objetivo fundamental da presente publicação está em articular questões socioambientais aos projetos políticos pedagógicos das escolas municipais de Cubatão do Ensino Fundamental Ciclo II, por meio da valorização e fortalecimento dos projetos e atividades de educação ambiental já em execução ou em processo de formulação.

Para contemplar os objetivos acima, fez-se necessário a escolha de um método de investigação capaz de dialogar não apenas com os agentes escolares responsáveis pela formulação e execução dessas ações, mas também com os diferentes atores, experiências e contextos que integram a complexa rede de educação ambiental existente no município.

A cartografia, apesar de pouco conhecida nos meios educacionais, vem se notabilizando como estratégia metodológica de pesquisa-intervenção, pois permite, durante e após os diferentes processos de investigação, mapear a rede de forças à qual o fenômeno encontra-se já conectado e indicar ações articulando as práticas existentes. A escolha da cartografia como metodologia baseou-se no interesse de simultaneamente investigar e orientar uma ação prática em um território determinado.

Para fins de organização, optou-se em dividir o processo em três etapas: mobilização, formação e produção. Vale dizer que estas etapas, apesar de realizadas em situações diversas, são complementares e indissociáveis, chegando a se confundir em vários momentos.

Sobre cartografias

Referências Bibliográficas

- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- MARTIN-BARBBERO, Jesus. Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

Mobilização

Ocorreram reuniões com representantes do poder público municipal para apresentar a proposta do material e conhecer seus projetos e ações para Cubatão, assim como a participação em outros fóruns, para compartilhar e debater propostas de educação ambiental de instituições públicas e do terceiro setor.

O envolvimento da escola ocorreu por adesão voluntária e a participação das escolas municipais no processo destacou a autonomia da escola como princípio para garantir sua participação efetiva. Além disso, em visitas às escolas realizou-se o levantamento e registro das práticas de Educação Ambiental, posteriormente debatidas nos Encontros Formativos.

atividades	escola	professores
Journal Memória e Cotidiano do Bairro (mural e impresso)	UME MARTIM AFONSO DE SOUZA FI/FII	Felipe e Fátima (Coordenação)
Censo do Bairro Nova República		Peter e Fábio (Direção)
Caminho dos manguezais	UME MANOEL DA NOBREGA PADRE FI	Elza (Artes)
Previda - Preservação da vida		João (Ciências)
Catálogo Botânico Virtual	UME USINA HENRY BORDEN FI/FII/EI	Carlos (Ciências)
Profissões e impacto ambiental - Valores Agenda 21		Maria Paula (Português)
Canoagem Rio Cubatão	UME JOAO RAMALHO FI/FII	Peter (Educação Física)
Trilha Parque Perequê		Luciana (Educação Física)
Estudo de nascentes	UME MARIO MOREIRA DE OLIVEIRA FI/FII/EI	Laura (Ciências)
Estudo de paisagens locais		Rodrigo (Geografia)
Estudo de meio do Mangue - passeios de barco	UME RUI BARBOSA FI/FII	Paulo Bueno (Ciências)
Feira de Ciências		João (Ciências)

Formação

Ocorreram 6 (seis) Encontros Formativos, com duração de 4 (quatro) horas cada, envolvendo representantes de instituições educacionais que atuam na região e coordenadores pedagógicos de 6 (seis) escolas de Ensino Fundamental Ciclo II. Como suporte de registro e sistematização dos Encontros Formativos, uma plataforma online em <http://focospesquisa.com.br> disponibilizou roteiro, objetivos e produções das atividades realizadas nos Encontros Formativos.

Os Encontros Formativos foram ocasiões em que as experiências de Educação Ambiental indicadas pelas escolas foram debatidas e qualificadas visando a sua replicação em atividades que abordem o ambiente imediato de Cubatão como tema gerador de aprendizado entre as disciplinas, bem como fonte de articulação entre a Escola



e a comunidade. Além disso, os Encontros de Formativos tornaram-se fóruns de debate e espaços de troca entre os diversos agentes públicos ou privados, que promovem atividades de Educação Ambiental na região. Em cada encontro uma escola relatava sua atividade/projeto privilegiando a elaboração de propostas curriculares a partir das experiências.

semana	Eixos	Materiais
1	Cartografia da Escola	Produção audiovisual sobre Cubatão; Sites de suporte a produção escolar; Textos sobre processos de investigação local
2	Arranjos curriculares	Entrevistas com Professores; textos sobre organização curricular por projetos e pesquisa de experiências curriculares de outras escolas
3	Arranjos curriculares	Entrevistas com a Direção da Escola; Modos e processos de Avaliação; Acompanhamento e monitoramento de atividades
4	Arranjos curriculares	
5	Acompanhamento e avaliação	
6	Acompanhamento e avaliação	

Produção

Ocorreram 2 (dois) Encontros de Avaliação com os coordenadores pedagógicos e com representantes de instituições e projetos de Educação Ambiental em que se definiram as estratégias e pistas socioambientais aos projetos de escola a partir das seguintes dimensões:

- Gestão Educacional
- Formação de professores
- Práticas pedagógicas e avaliação
- Infraestrutura física e recursos pedagógicos

A partir dessas investigações, não só se elaborou um mapa fixo de representações ou um diagnóstico que descreve o território identificando seus problemas e recomenda também um conjunto de procedimentos. Permitiu-se reconhecer e dar visibilidade aos diferentes

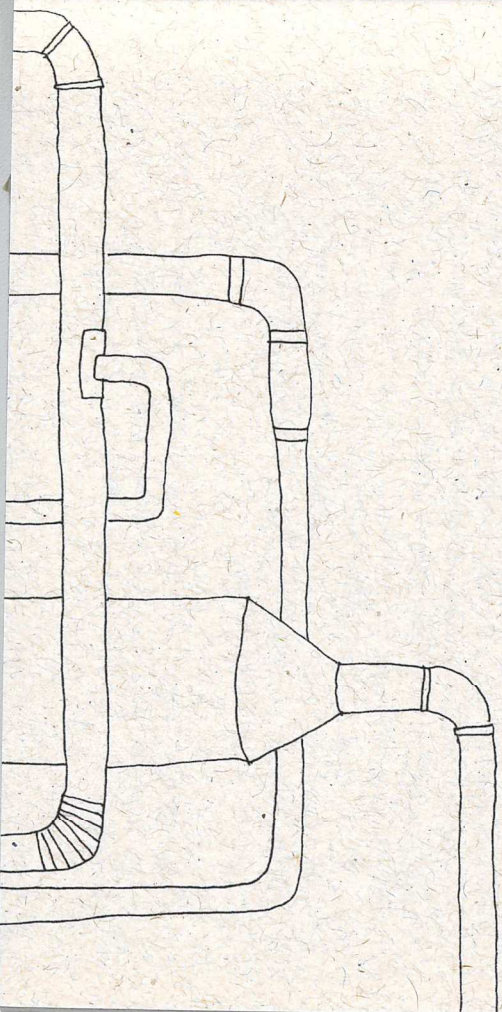
Todas as 12 (doze) escolas municipais que trabalham com o público-alvo do material – 10 (dez) de EF Ciclo II e 2 (duas) de EJA – foram visitadas desde outubro de 2009 para apresentação da proposta. Como foi um processo de adesão, cada escola manifestou seu interesse ou não em se envolver na elaboração do material. Dez (10) escolas aderiram após um processo de visita que envolveu semanas e pelo menos duas visitas a cada uma das escolas. Em função do recesso escolar de fim de ano, retomou-se o contato com as dez escolas no final de janeiro de 2010 para identificação dos professores e atividades que seriam apresentadas e qualificadas para o material. Quatro (4) escolas tiveram alterações em seu quadro de docentes de modo que não souberam indicar professores e atividades. Como o critério de participação nos Encontros Formativos para a elaboração do material era a contribuição com pelo menos uma atividade realizada ou por realizar, o número de escolas que aderiram e foram selecionadas para participar do processo foi de seis (6), sendo que uma desistiu no início da formação. Na ocasião destas visitas, por meio de um instrumental de referência e diários de campo, identificaram-se os diferentes momentos de elaboração, execução e avaliação que cada escola atravessa no desenvolvimento de seu Projeto Político-Pedagógico.

discursos e realidades existentes em Cubatão - representados de forma concreta nesta publicação - e estimulou-se produções fomentadas em discussões entre diferentes personagens que compõem e dão vida à cidade.

Todo o processo cartográfico narrado e analisado nesta publicação constitui um conjunto de práticas, formado por deslocamentos, conflitos, estranhamentos, surpresas, que foi sistematizado em diferentes suportes (fotos, filmes, diários de campo, plataforma virtual, atas de reuniões etc.) e aberto para contribuições dos participantes dos encontros, professores da rede municipal e outros agentes que atuam no município.

1.2 Cubatão: Cidade de Contrastes

Em geral, a diversidade de concepções dos projetos ambientais realizados pelas escolas, ou mesmo aqueles que simplesmente a envolvem, trabalha com abordagens idealizadas de “meio ambiente” e não se apropria do ambiente imediato, das práticas dos alunos e da comunidade. Desse modo, perde-se a possibilidade de intervir diretamente no cotidiano e construir valores significativos para a elaboração de um projeto pautado em outra relação com o território e a história da cidade.



Nesse sentido, a experiência cartográfica permite ir além de uma descrição geral de um determinado território quando se propõe a não se desvincular da história e dos problemas de ordem social e ambiental. Fugindo da neutralidade política, seu discurso-prática não se basta como ferramenta para descrever um objeto-problema, mas se expressa como um ponto de vista sobre um contexto socioambiental específico.

A seguir, são destacadas algumas informações sobre o município, visando fornecer pistas de ordem socioambiental aos projetos institucionais das escolas.

Cubatão é o centro da indústria de base do país, o maior pólo petroquímico da América Latina, mas é uma cidade que experimentou o crescimento econômico de forma isolada do desenvolvimento humano. Cubatão tem os menores índices de escolaridade da Baixada Santista, os maiores índices de incidência de tuberculose, o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). É a cidade dos empregos com o maior número de desempregados, onde 60% da população vivem em palafitas ou barracos. Não podemos mais ter duas cidades, a cidade das indústrias e a cidade do povo, onde as crianças ficam sentadas nas calçadas vendo o desenvolvimento passar. Se a economia tem coração, Cubatão é a aorta do sistema. A responsabilidade social tem que estar no peito, no coração da Economia. Fonte: <http://marciarosa.com.br/noticias/article.php?storyid=3002>

O relato acima é de autoria da atual prefeita da cidade, Marcia Rosa, também professora da rede pública de ensino local. A diferença de realidades em Cubatão é de fato significativa e é perceptível na paisagem da região: dutos, chaminés e enormes pátios apinhados de caminhões e contêineres convivem com casebres sobre o mangue, bolsões isolados de condomínios populares e um eterno ir e vir de bicicletas. A desigualdade entre os investimentos e a infraestrutura disponíveis é flagrante quando se observa os que passam e os que ficam na cidade.

O município de Cubatão é diretamente influenciado pelo clima e pela temperatura da costa, apesar de ser a única cidade da Baixada Santista sem faixa litorânea. Os imensos mangues dos

largos da Pombaba e do Caneu, além das várzeas dos rios Cubatão, Mogi e Perequê, têm suas planícies povoadas por matas, rios e córregos típicos de restinga e mangue.

A densa Mata Atlântica que sobe as serras tem relação direta com a umidade e o clima marítimo, e o espinhaço da Serra do Mar é ocupado 700 metros acima por uma exuberante floresta tropical de encosta, ecossistema típico da mata atlântica. Esta floresta tropical, que abriga em suas escarpas de grande umidade a maior biodiversidade por metro quadrado do planeta, é um dos mais ameaçados do mundo e está reduzido a menos de 8% de sua cobertura, se comparado ao período da chegada dos portugueses.

Na UME Pe. Manoel da Nóbrega, o professor de ciências João Buoro realiza o “Projeto Pré-vida: corpo, lar, escola, cidade e vida” cujo o objetivo é refletir sobre a importância de preservar o meio ambiente por meio do estabelecimento de relações entre os temas corpo humano, cidade e natureza. A partir de um instrumental de registro previamente construído pelo professor (questionário, quadro de observações etc.), os alunos são divididos em grupos e são realizadas saídas de campo para observar, registrar e comparar aspectos químicos, físicos e geográficos de três regiões distintas da cidade:

- Escola (entorno);
- Biotoma e Vegetação (no caso, o Mangue);
- Local de Preservação (no caso, o Parque Estadual Cotia-Parã).

Para organizar os registros, o instrumental foi dividido em seis partes:

- Cuidados de Preservação da Saúde do Corpo e Lar;
- Dados Físicos do Entorno da Escola (quadro de Temperatura);
- Dados Físicos e Químicos do Solo (observação e recolhimento de amostra);
- Amostra da Vegetação e Características do Local;
- Animais do Local e Sua Pesquisa;
- Análise da Água. Após os registros dos grupos de alunos, há a apresentação dos grupos e discussão coletiva em sala de aula.

Esta atividade é desenvolvida no período de um bimestre, mas o professor acredita que ela possa ser ampliada para o um ano letivo, desde que haja o envolvimento de outras disciplinas.

A cidade tem mais de 124 mil habitantes em seus 148 quilômetros quadrados de extensão. As imensas instalações industriais e as inúmeras vias e entroncamentos rodoviários, por sua vez, tornam pouco perceptível a vida urbana e comunitária da cidade, que, como qualquer outro lugar, cria e inventa estratégias de convívio com seu ambiente imediato.

Tabela - Dados de crescimento populacional de 1950 até 2010

ano	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2009
Cubatão	6.570	11.803	25.165	50.906	78.631	91.136	108.309	124.284

Fonte: Núcleo de Estudos da População NEPO/UNICAMP FIBGE, Censos Demográficos.

Entre as décadas de 40 e 70 do século passado, a cidade duplicou seu número de habitantes a cada dez anos. Esta explosão populacional esteve diretamente relacionada à construção das grandes vias – Anchieta e Imigrantes –, assim como às maiores indústrias – Refinaria Presidente Bernardes e Cosipa –, que se instalaram na região no mesmo período. A partir da década de 1980, o controle mais rigoroso das condições ambientais foi acompanhado por uma acentuada diminuição no crescimento populacional. Todavia, não foi a natalidade que diminuiu, mas determinados moradores que se foram.

Não por acaso, a região, assim como toda a Baixada Santista, vem mobilizando atualmente muitos investimentos e interesses especulativos em função de sua proximidade com o petróleo encontrado em camadas pré-salinas da plataforma continental oceânica do Brasil, num trecho que se estende por toda costa litorânea da

Vale a pena ler:

BRANDÃO, Marínez Vilella Macedo; BÓGUS, Lucía María Machado. A sombra das torres da cidade: industrialização, habitação e meio ambiente em Cubatão. São Paulo: Biblioteca Digital da PUC, 2000.

região sudeste e chega até o litoral catarinense. O Porto de Santos foi definido como o grande escoadouro desta produção e a logística disponível em Cubatão, mais uma vez, será vital para a economia nacional.

Recentemente, noticiou-se um dia de colapso da estrutura de transporte do Porto de Santos, com filas de caminhões que se estendiam de Cubatão à cidade de São Paulo. O volume trafegado em um dia correspondeu a 10% do esperado no ano, sendo que o crescimento da demanda e uso do sistema de distribuição previsto é recorde e se aproxima de 100 mil toneladas por ano. O investimento necessário à manutenção e ao crescimento do sistema de transporte da região está produzindo e ainda produzirá impactos significativos na região. O desafio é não reproduzir a tendência observada em outros processos de valorização urbana, em que se expulsam os moradores mais pobres para outras regiões menos privilegiadas, apenas deslocando o contingente populacional mais vulnerável.

Cabe lembrar que a opção de crescimento econômico que induziu a instalação do parque industrial ao longo do século XX foi e ainda é decisiva para o tipo de ocupação do solo e formas de moradia que se estabeleceram na região. Ainda que 55,9% dos postos de trabalhos existentes na cidade sejam relacionados às atividades industriais, 60% dos moradores são favelados e as condições de habitabilidade e acesso a serviços oferecidos na cidade não conseguem atrair os trabalhadores mais bem formados, de modo que a maior parte dos trabalhadores da indústria reside em outras cidades da região e se desloca até Cubatão apenas para trabalhar.



O contraste existente na região não se expressa, portanto, apenas em sua paisagem de matas e encostas exuberantes: entremeadas por instalações tecnológicas de última geração, mas na discrepância de sua produção de riqueza e distribuição de renda, produzida por um crescimento descomprometido com um desenvolvimento sustentável, de modo que o maior Produto Interno Bruto (PIB) e o pior IDH da Baixada Santista ocorrem na mesma cidade: Cubatão.

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	
Cubatão	0,772
Estado de São Paulo	0,8333
Brasil	0,794

Fonte: <http://www.iiep.org.br/eia/fc/anexo2.pdf>

Além disso, o passivo ambiental de décadas de industrialização deixou de herança às próximas gerações parcelas de terrenos contaminadas por substâncias altamente tóxicas, como o chamado “pó da china”, e lançou nos rios resíduos encontrados até na Baía de Santos, caso do chumbo, por exemplo, encontrado em todos os peixes examinados da região. Independentemente da proposta de desenvolvimento urbano e social a ser adotada, ela

Vale a pena assistir:

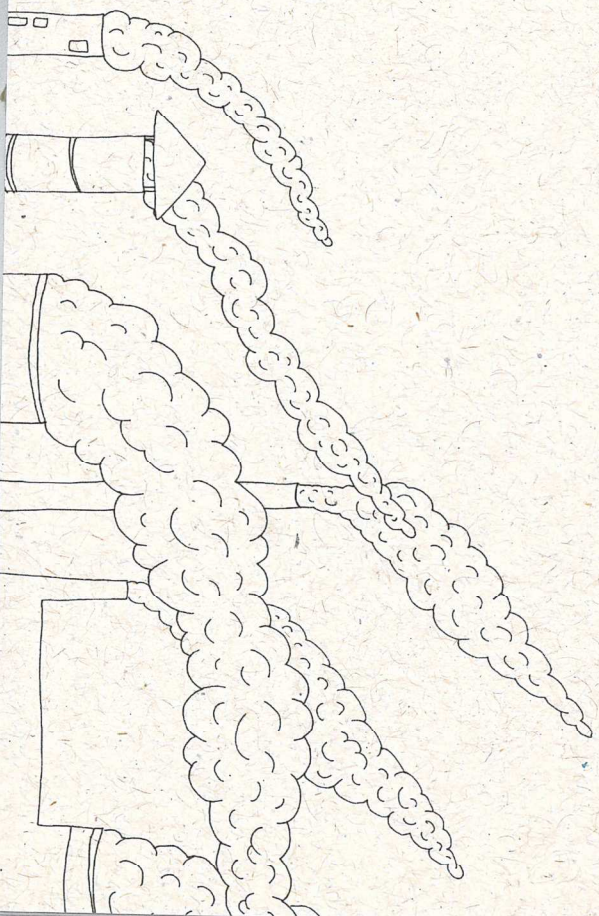
SOUZA, Helio Augusto Gosal. Cubatão Meu Amor: a produção cinematográfica e o si-mesmo. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

O curta-metragem conta a história da cidade de Cubatão através de imagens e outras estruturas narrativas, como a poesia, de forma original e crítica.

enfrentará condições ambientais sensíveis, sendo algumas irreparáveis. O meio ambiente e o modo de vida da população local são atravessados pelo mesmo processo inconsequente de crescimento econômico.

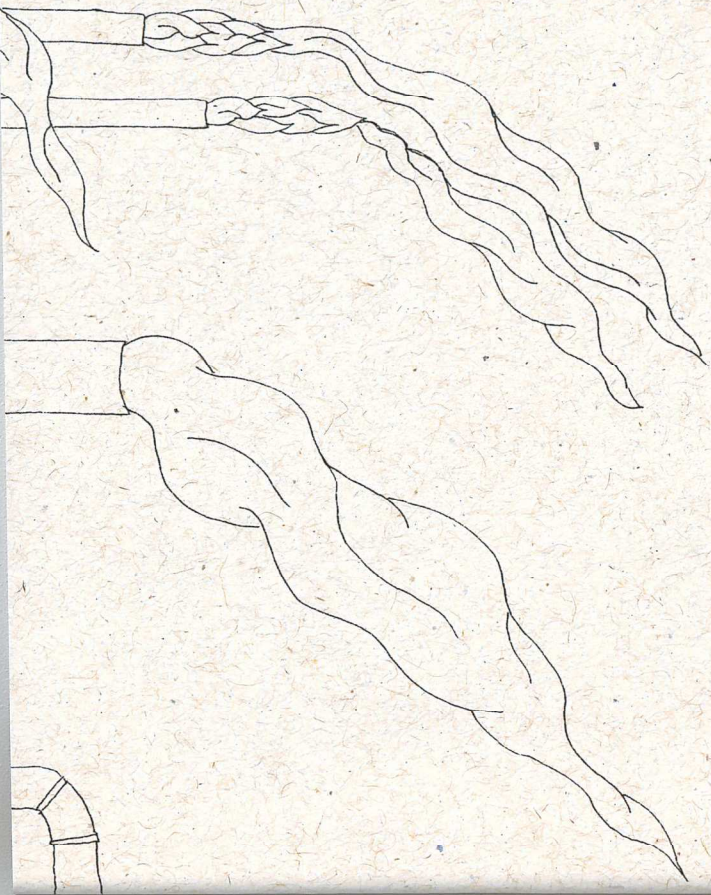
Por sua vez, a população de Cubatão atualmente não é mais formada apenas pelo migrante à procura de trabalho, disposto a enfrentar toda e qualquer situação. Há um contingente significativo de crianças, jovens e adultos nascidos na região que permanecem como moradores que desejam trabalhar, estudar e usufruir da vida pública e comunitária do lugar. Estes moradores não são os empregados qualificados das grandes indústrias da região, uma vez que a média de anos de estudo para a população economicamente ativa da cidade não ultrapassa sete anos. Serão estes, que optaram em permanecer na cidade, novamente, os perdedores do crescimento econômico que se anuncia? Para eles, teimosamente, como diz uma frase estampada em adesivos espalhados pela cidade, “Cubatão tem jeito!”.

Há pelo menos 30 anos, Cubatão converge ações e interesses ambientais de conservação e preservação da Mata Atlântica. Desde o final da década de 1970, quando a região ficou conhecida como



“Vale da Morte” em função do altíssimo grau de emissão de poluentes atmosféricos, hídricos e terrestres registrado na cidade, houve um investimento considerável no controle das emissões, de modo que atualmente o município é referência mundial para ações de preservação ambiental, conforme atestado pela Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente realizada no Rio de Janeiro, conhecida como ECO 92.

Ao longo deste período mais recente de ocupação, também proliferaram pela região ações de cunho mais educativo, dedicadas à promoção de usos e hábitos ambientais sustentáveis pela população em geral, especialmente relacionadas ao universo escolar, conforme serão identificadas a seguir.



1.3. Agentes e ações de Educação Ambiental em Cubatão

Não são poucas as iniciativas de Educação Ambiental que se dedicam à preservação e conservação da Mata Atlântica em Cubatão. Inicialmente relacionadas a situações de controle de poluição, projetos e instituições criaram experiências comunitárias articulando agentes locais, muitas delas no entorno de escolas.

A seguir, destacam-se agentes e ações de Educação Ambiental relacionados direta ou indiretamente às escolas e, mais especificamente, aquelas dirigidas ao Ensino Fundamental Ciclo II. Esse recorte privilegiou projetos e instituições com relevância e contribuição para o debate socioambiental na região, todavia, ele não representa a totalidade dos agentes e ações existentes. As iniciativas das escolas desempenham papel destacado, mas existem iniciativas de diferentes esferas de governo, além de projetos mais pontuais com a iniciativa privada e organizações privadas de interesse público.

O mapeamento aqui apresentado pretende identificar os agentes e as ações dirigidas à escola e ao período de ensino definido. Assim feito, sugerem-se questões para serem debatidas com a comunidade escolar, visando facilitar a aproximação dos projetos existentes e a articulação dos interesses em prol de uma relação sustentável da população com o ambiente local.

Federal

PNEA – A Educação Ambiental é formalizada nacionalmente pela ação de dois ministérios: Ministério da Educação (MEC) - representado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) - e Ministério do Meio Ambiente (MMA), - representado pela Departamento de Educação Ambiental (DEA). Ambos formam o Órgão Gestor (OG) responsável pelo Programa Nacional de Educação Ambiental (PNEA) concretizado no Sistema Nacional de Educação Ambiental (SISNEA). O programa e o sistema nacional são geridos pelo executivo e pelos conselhos da educação (CNE) e do meio ambiente (CONAMA).

Esta articulação resulta de um processo construído nos últimos 15 anos, caudatário dos Núcleos de Educação Ambiental, do movimento Agenda 21 e das Comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (Com-Vida) nas escolas, passando pelo processo das conferências de Meio Ambiente, e da aproximação com os grupos jovens pela Rede de Juventude pelo Meio Ambiente (REJUVA). O debate sobre a Educação Ambiental realizado no Brasil prenunciava a apropriação do meio para além da “natureza”, levando em conta também o mundo humano e social. Isso tem conduzido os programas de formação de professores e projetos de investimento

na gestão da escola a uma maior aproximação com a comunidade. Atualmente, observa-se o crescimento de ações de Educação Ambiental envolvendo grupos e espaços locais e comunitários. Apesar de ainda não atuarem especificamente em Cubatão, iniciativas como o Coletivo Jovem Caiçara e o Coletivo Educador da Serra do Mar existem na Baixada Santista e mantêm uma rede e um local de encontro, algumas vezes chamada de Sala Verde, em que coletivos de educadores se organizam localmente e forjam uma rotina particular e local.

UAB – A Universidade Aberta do Brasil foi criada em 2005 e é uma parceria entre o MEC, estados e municípios; integrando cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância. A proposta é que estados e municípios disponham de polos presenciais com a oferta de bibliotecas, laboratórios pedagógicos e de informática, tutores presenciais para atendimento e sala para videoconferência e promovam cursos de interesse regional voltados ao grande público ou dirigidos a professores da rede pública de ensino local. O Polo Cubatão da Universidade Aberta do Brasil, sediado na UME Padre José de Anchieta, desenvolveu curso em 2009 com 80 professores da rede pública local sobre Educação Ambiental. Os professores elaboraram projetos de Educação Ambiental relacionados às suas disciplinas, alternando estratégias virtuais e presenciais com professores de seis universidades federais; material didático próprio e tutores orientando a produção.

Vale a pena ler!

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Os diferentes matizes da Educação Ambiental no Brasil (1997-2007). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2008.

Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dif_matizes.pdf. Acesso em: 12 set. 2010.

estadual

PARQUE ESTADUAL SERRA DO MAR

PESM – O Parque Estadual da Serra do Mar constitui a principal ação de conservação da Mata Atlântica e foi criado em 1977, quando a região, e particularmente Cubatão, passava por um momento crítico ambientalmente. Está localizado na região mais desenvolvida do país, único corredor biológico íntegro conectando remanescentes florestais do sul do Estado do Rio de Janeiro aos remanescentes do Vale do Ribeira e Paraná que possibilita a manutenção dos fluxos gênicos e a preservação de espécies que necessitam de grandes territórios para sua sobrevivência. Os oito núcleos do parque estão espalhados por 23 municípios ocupados por conjuntos de ecossistemas compostos por florestas densas, campos naturais, mangues, restingas e várzeas, que das escarpas da serra à planície costeira guardam boa parte das espécies endêmicas e ameaçadas de extinção do bioma, além de proteger as cabeceiras formadoras das bacias do Paraíba do Sul, Tietê e dos mananciais que abastecem a baixada santista e litoral norte. Praticamente metade de Cubatão corresponde ao Parque Estadual da Serra do Mar, áreas de preservação permanente e de usos restritos. O Programa de Recuperação Socioambiental Serra do Mar, articulado à consolidação do parque, prevê em Cubatão a desafetação das áreas sob conservação com o re-assentamento de mais de 5.000 famílias hoje moradoras dos bairros denominados “Cotas” em referência a

altitude em relação ao Mar. Muitas crianças que compõem essas famílias são alunos nas escolas de Cubatão, uma vez que 94% das crianças com idade para o Ensino Fundamental estão matriculadas. Ultimamente tem crescido a procura por escolas públicas de Cubatão para visitas ao Parque, principalmente a um dos oito núcleos que compõe o PESM, esse localizado na cidade de Cubatão, no vale do Rio Pilões e denominado Núcleo Itutinga Pilões que assume a maior parcela do PESM em 115mil ha de áreas entre 10 (dez) municípios. Possui dentre várias riquezas históricas as instalações antigas da Usina Hidrelétrica da Cia. Santista de Papel, uma das primeiras indústrias do litoral. A entrada do parque convive com casas de madeira, sítios e pequenos comércio improvisados, resultantes do desenvolvimento, à época, e moradia dos operários, mão de obra quando das construções das rodovias (Anchieta e Imigrantes) e o própria ocupação do litoral. A preservação da Mata Atlântica em Cubatão representada pelo parque depende de estratégias de conservação que mobilize usos nas premissas de seu Plano de Manejo (aprovado em 2006) à memória de ocupação humana não apenas do homem do sambaqui, do tupi ou do português, mas também, do caiçara do mangue, do migrante nordestino e do morador da palafita que devem ser agregados na razão de existência de uma unidade “PÚBLICA” de conservação de proteção integral. Este é um dos desafios para o PARQUE ESTADUAL SERRA DO MAR em seu contato com as escolas e crianças de todas as idades, locais ou não, e, por extensão, com todo o ambiente e sistema envolvido, visando conscientização valorização frente a um dos patrimônios mais ameaçados do Planeta: A Mata Atlântica.

PI MAIS – O Programa de Jovens Meio Ambiente e Integração Social - PI MAIS, mais conhecido como PI MAIS, é uma das diretrizes da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde do Estado de São Paulo (RBCV/SP). Considerando a juventude como uma das faixas etárias mais vulneráveis nesses territórios, do ponto de vista socioeconômico, a RBCV/SP criou o PI-MAIS. Trata-se de um programa de formação integral e ecoprofissional de adolescentes entre 14 e 21 anos de idade, ingressos na rede pública de ensino, provenientes de famílias socioeconomicamente menos favorecidas e que sejam moradores de zonas periurbanas (ou periféricas) do Cinturão Verde. Além de criar condições para a conscientização ambiental dos adolescentes e familiares, o PI-MAIS se propõe a promover e fomentar oportunidades para o ecomercado de trabalho desses jovens a partir de uma capacitação formativa-técnica.

Em Cubatão, a partir de 2008, como parte das ações de educação ambiental do Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar, a Coordenadoria de Educação Ambiental (Secretaria Estadual de Meio Ambiente) sensibilizou, mobilizou e articulou parcerias com o objetivo de implantação de um NEE do PI/MAIS no município. Entre os parceiros envolvidos estão CEPEMA-USP, Prefeitura Municipal de Cubatão, Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Itutinga Pilões e CDHU.

Atendendo a juventude residente nos bairros Cota e adjacências, o NEE Cubatão, procura desenvolver dentro do processo formativo a criação de condições de ecomercado de trabalho para estes jovens e suas comunidades. Atualmente o núcleo desenvolve de forma integrada os projetos: a) Turismo Pedagógico de Base Local; b) Vivências em Permacultura; c) Paisagismo e Viveiro de Mudanças Nativas. Além destes projetos já em andamento, a SMA/CEA e o NEE Cubatão elaboraram em parceria com o CEPEMA-USP o Projeto “Cubatão Sustentável” a ser executado em parceria com a Prefeitura Municipal de Cubatão através de um TAC (Termo de Ajuste de Conduta).

Rio do Nosso Bairro – Escolas Cuidando da Água – ECOSURFI – Este projeto conta com financiamento do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO) e é realizado pela ONG ECOSURFI, organização regional que nasceu de um grupo de jovens moradores de Itanhaém

e vem alcançando notoriedade pelo envolvimento de jovens e moradores em suas atividades. Resultado do amplo processo de debate e participação que marcou os últimos 15 anos da Educação Ambiental, atualmente esta organização articula-se à redes de organizações não governamentais ambientais da Baixada, bem como outras iniciativas como o Coletivo Jovem Caiçara e o Coletivo Educador da Serra do Mar, além de estar atrelada a conselhos de bacias hidrográficas da região e conselhos de gestão ambiental em nível estadual e federal. O projeto Rio do Nosso Bairro – Escolas Cuidando da Água encara a instituição escolar como estrutura propícia para o envolvimento comunitário e participação da juventude nas questões públicas da comunidade. Por meio de um processo formativo, envolvendo professores do Ensino Fundamental Ciclo II de 36 escolas dos nove municípios da Baixada Santista e uma comunidade virtual (<http://www.ridonossobairro.org.br>) que serve de suporte às atividades, pretende-se elaborar Mapas Verdes Locais e Regionais de modo participativo e realizar a I Conferência Metropolitana Infância Juvenil pelo Meio Ambiente na Baixada Santista em novembro de 2010 para consolidar a Rede Local de Escolas Cuidando da Água.

Investigações Ambientais – Aprendendo Ciência e Tecnologia (ACT/CEPEMA) – Busca-se implementar projetos investigativos e colaborativos em escolas municipais, por meio de ferramentas digitais e encontros formativos, que incentivam o debate sobre questões ambientais como elaborar a Agenda 21 da escola, investigar as condições das águas, observar e caracterizar as aves perto da escola e montar e usar uma miniestação meteorológica para compreender os fenômenos climáticos. Este projeto, também dirigido aos professores do Ensino Fundamental Ciclo II, é vinculado ao Centro de Capacitação e Pesquisas em Meio Ambiente (CEPEMA), centro de pesquisa e extensão universitária da Universidade de São Paulo (USP), e faz parte de um termo de ajustamento de conduta relacionado à implantação da Usina Termelétrica Euzébio Rocha, da Petrobrás, na cidade de Cubatão. Por meio do portal virtual www.investigacoesambientais.futuro.usp.br, alunos, professores e pesquisadores do grupo ACT divulgam e compartilham o desenvolvimento das investigações realizadas, assim como a metodologia de pesquisa, resultados, hipóteses e conclusões, para pensar e praticar o uso efetivo da pesquisa sobre aprendizagem da ciência com tecnologia.

municipal

Secretaria Municipal de Educação (SEDUC) – A Secretaria Municipal de Educação de Cubatão vem atuando decisivamente na reversão de um difícil quadro: o município tinha os piores índices de escolaridade da Baixada Santista e, no que concerne ao público deste material, as metas de projeção do rendimento dos alunos no Ensino Fundamental Ciclo II, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB), não tinham sido alcançadas no biênio anterior a 2007. O IDEB é hoje o principal medidor da educação brasileira e leva em conta o rendimento escolar, o SAEB e a Prova Brasil. Há pouco tempo, o secretário municipal de Educação, divulgou os seguintes resultados para o período de 2007-2009: Cubatão teve os melhores índices de desempenho no Ensino Fundamental da região e alcançou metas esperadas apenas para 2015 no Ciclo I e para 2013 no Ciclo II, considerando apenas as escolas municipais. Cubatão tornou-se com este resultado a 29ª melhor escola pública do Brasil e a 4ª melhor do Estado de São Paulo no ranking do Ensino Fundamental II. Estas conquistas estão diretamente relacionadas ao Plano de Atenção à Educação (PAE), política que consubstancia o Plano Municipal de Educação (PME) da cidade proposto pela atual gestão. O plano integra um conjunto de programas da SEDUC e de outras secretarias de modo transversal, com o objetivo de promover acesso e permanência dos alunos com sucesso na aprendizagem, além de difundir práticas de gestão democrática, valorização dos profissionais da educação e investimento na eficiência administrativa das instituições escolares. A atuação dos gestores da SEDUC pela melhoria da qualidade de ensino no Ciclo II, período entre o 6º e o 9º anos do Ensino Fundamental, priorizou projetos que envolvessem atividades de leitura e escrita, produção de textos, além de trabalhos com as operações aritméticas e situações de raciocínio lógico. Simultaneamente, ocorreram reformas em algumas escolas municipais, que melhoraram dependências, derrubaram muros e implantaram cercas vivas, valorizando a visibilidade dos prédios escolares e sua integração com o entorno. Desenvolveram-se cursos de aprimoramento dos gestores de escola e encontros recorrentes entre as unidades de acordo com o público atendido. Há um significativo investimento na rotina escolar, particularmente em atividades pedagógicas coletivas, como Horário de

Trabalho Pedagógico (HTP), que desempenham o papel fundamental na disseminação de metas e orientações definidas pela administração. A rede municipal de ensino é dotada de estabelecimentos de ensino com considerável autonomia para desenvolver seus projetos (PPPs), de forma que cada escola também define suas prioridades e centros de interesse. Recentemente, dirigiu-se orientação específica com vistas à implantação dos PPPs conforme o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) nas escolas da rede, considerando as particularidades de cada estabelecimento de ensino. As condições e estrutura dos projetos de escola diferem bastante entre si, como se observará a seguir, mas há avanços perceptíveis na elaboração da identidade socioambiental de cada unidade escolar.

Práticas

Ideb - Baixada Santista

Apenas escolas da rede municipal de ensino

município	Ensino Fundamental 1º ao 5º ano				Ensino Fundamental 6º ao 9º ano			
	2005	2007	2009	meta	2005	2007	2009	meta
Cubatão	4,0	4,8	5,5	4,4	3,8	3,9	4,6	4,0
Santos	4,4	5,0	5,3	4,8	4,1	4,3	4,4	4,3
São Vicente	4,6	4,7	4,8	5,0	4,3	4,3	4,3	4,5
Guarujá	4,1	4,5	4,6	4,5	3,8	3,7	3,7	4,0
Praia Grande	4,2	4,8	4,9	4,6	4,2	4,5	4,4	4,4
Mongaguá	s/i	4,5	5,0	4,7	s/i	s/i	s/i	s/i
Itanhaém	4,3	4,9	5,4	4,7	3,9	4,1	4,2	4,1
Peruíbe	4,2	4,7	5,0	4,7	3,8	3,7	3,9	4,0
Bertioga	3,9	4,4	4,7	4,6	3,5	4,4	4,7	4,3
Brasil (média)	3,4	4,0	4,4	4,3	3,1	3,4	3,6	s/i

fonte: INEP

Agenda 21. Cubatão: 2020 – A cidade que queremos – A Agenda 21 de Cubatão realizou-se entre os anos de 2004 e 2005 e, com base em um diagnóstico, definiu prioridades e ações para o desenvolvimento sustentável da cidade para os próximos 15 anos. Teve sua origem em uma iniciativa das empresas do Polo Industrial da cidade que procuraram a prefeitura para estabelecer uma parceria e iniciar a mobilização de toda a cidade. Um Conselho Consultivo composto por 24 entidades da sociedade civil de Cubatão e demais cidades da Baixada Santista foi responsabilizado por mobilizar todo o processo. Um consultor especializado foi contratado para auxiliar o trabalho de divulgação do projeto e organização da sociedade. Foram definidos 17 temas representando a vida da cidade e constituídos Grupos de Trabalho. Foram convidados a participar do processo, como Conselheiros da Cidade, representantes dos mais diversos segmentos da população, como presidentes de associações, representantes de ONGs, de empresas, de setores culturais, líderes comunitários, técnicos e executivos da prefeitura, além de membros do legislativo. No que concerne à Educação Ambiental, a Agenda 21 de Cubatão propõe a criação de programas de capacitação no tema para professores, gestores e funcionários das escolas; a ampliação da Educação Ambiental para todos os níveis de ensino; a captação de recursos para desenvolvimento de programas ambientais nas escolas e comunidades; e a criação de um calendário ambiental do município. Destaca-se o fato de que todas as ações previstas são apontadas como necessárias em curto prazo e algumas delas já estão em curso.

Núcleo de Educação Ambiental (NEA) – Parque Cotia Pará – SEMAM
 – O Serviço do Núcleo de Educação Ambiental do Município de Cubatão (NEA), da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMAM), localizado no Parque Cotia Pará, Via Anchieta, km 56,5, pista sul, realiza ações de Educação Ambiental não formal atendendo anualmente cerca de 6 mil educandos com foco principal no Ecossistema dos Manguezais – do Bioma da Mata Atlântica –, no estudo patrimonial dos sambaquis e questões relacionadas aos problemas socioambientais. A equipe do NEA é composta por professores de ciências e biologia, estagiários e colaboradores que desenvolvem ações pedagógicas e participam de projetos relacionados ao meio ambiente. Há um agendamento anual com alunos da rede

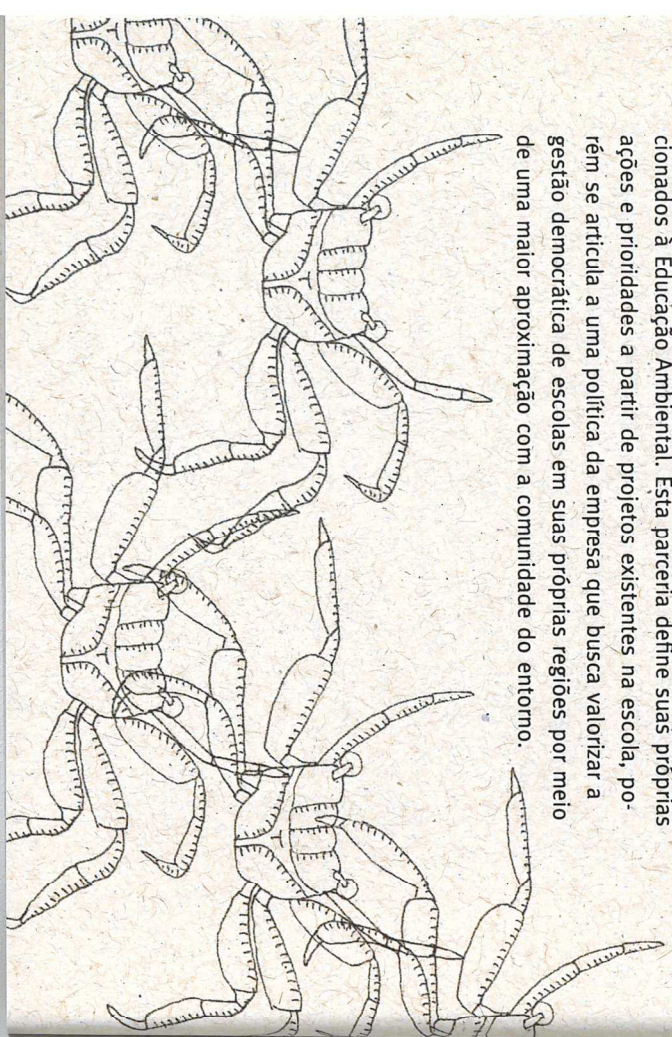
municipal de ensino, atendendo educandos dos 5º e 7º anos, creches e escolas de Educação Infantil, além de atendimento agendado de outras escolas, de outros municípios e público em geral (site: www.neacubatão.com.br).

Parque Ecológico Perequê – SEMAM – O Rio Perequê apresenta trechos de serra e planície em seu percurso. Este parque municipal abrange as imediações próximas ao Rio Perequê e abriga trilhas serra acima onde encontram-se também lindas quedas d'água. Grupos de ecoturismo, escolas da região e mesmo moradores locais fazem uso do local, que tem, junto à várzea do Rio Perequê, quiosques e churrasqueiras para receber os visitantes. A partir de um estudo de meio da Escola Municipal João Ramalho realizado em 2009, os alunos realizaram uma trilha e experimentaram a prática do caiaque; esta atividade serviu de disparo para uma prática de investigação das dependências do parque e tem crescido a procura das escolas por agendamentos.

Centro de Apoio Pedagógico e Formação Continuada (CAPFC) – Este centro é uma instituição relacionada à SEDUC para assessoria e desenvolvimento de projetos curriculares com as escolas e de ações formativas com professores. Passou recentemente por uma reestruturação e atualmente conta com uma equipe de profissionais organizada pelas disciplinas e temas transversais. Entre suas atribuições está a de analisar e discutir os resultados das avaliações oficiais do MEC para reorientação dos PPP's das escolas e para garantir a existência e incremento de atividades relacionadas à leitura e outros temas considerados prioritários. Atualmente, o coordenador de Educação Ambiental do CAPFC tem por objetivo identificar as ações de educação realizadas pelos professores da rede municipal e fortalecer a presença de temas socioambientais nos PPPs das escolas.

iniciativa privada

Existem alguns projetos pontuais de Educação Ambiental envolvidos do a iniciativa privada que se realizam nas escolas municipais de Cubatão. As ações protagonizadas pelas indústrias são geralmente pontuais e de curto prazo. Voltados muitas vezes à disponibilização de infraestrutura e material pedagógico específico, estes projetos têm uma ação marcada no tempo e não constituem propriamente projetos, mas ações de curto prazo com foco bastante determinado. Este foi o caso da parceria entre a Carbocloro e a UME Padre José de Anchieta, em que se montou um laboratório de informática denominado Cidade do Amanhã e proveu-se a Fanfarras da mesma escola de instrumentos musicais. As escolas também mencionam parcerias eventuais com Petrobrás e Bunge, outras empresas locais, que não se mantiveram ao longo do tempo. No entanto, há uma experiência de parceria entre escola e empresa que dura alguns anos e constitui exceção no caso de Cubatão. A Usiminas, atual proprietária da antiga Cosipa, mantém uma parceria há vários anos com a UME Rui Barbosa, na Ilha Caraguatá, com investimento em equipamentos necessários ao bom funcionamento escolar — como a instalação de ar condicionado nas salas de aula —, mas também com projetos de formação de professores e apoio a eventos relacionados à Educação Ambiental. Esta parceria define suas próprias ações e prioridades a partir de projetos existentes na escola, porém se articula a uma política da empresa que busca valorizar a gestão democrática de escolas em suas próprias regiões por meio de uma maior aproximação com a comunidade do entorno.



organizações de interesse público, redes locais e ações de moradores

Grupo de Trabalho (GT) de Educação Ambiental – A partir de um workshop com o objetivo de aproximar agentes e ações locais de educação relacionados ao meio ambiente, reconheceu-se a necessidade de conhecimento mútuo e integração entre projetos socioambientais de cunho educativo realizados na região. Esta proposta culminou na criação do GT de Educação Ambiental, coordenado pelo NEA (Núcleo de Educação Ambiental) da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e composto por representantes das secretarias municipais de Educação, Saúde, Assistência Social, da Coordenadoria de Educação Ambiental da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, do CEPEMA, do Parque Estadual da Serra do Mar-Núcleo Itutinga Pilões e do NEE Cubatão(P)MAIS).

REABS – A Rede de Educação Ambiental da Baixada Santista constitui um coletivo de educadores e educadoras ambientais que atuam na região com Educação Ambiental formal e não formal, Agenda 21 Local, Escolar e Comunitária, políticas públicas, mobilização social e comunicação. Congrega organizações e órgãos, educadores e gestores, tanto privados quanto públicos, além de coletivos e grupos informais mobilizados em torno da questão socioambiental. Neste território, ocupado pela exuberante Mata Atlântica e com uma memória de ocupação humana tão peculiar, grupos como o Coletivo Jovem Gaíçara articulam tradições e convívios com a mata local a usos e ações de conservação e preservação do ambiente. Destaca-se também o Coletivo Educador da Serra do Mar, que reúne iniciativas socioambientais da baixada com o objetivo de aproximar ações e debater metodologias de Educação Ambiental. A rede vinculada à REABS, formada por mais de 400 indivíduos articulados a projetos, programas e políticas socioambientais, tem atuação destacada no cenário nacional das políticas ambientais e é identificada pelo enfrentamento de questões de ampla projeção social com impacto ambiental de proporções desastrosas.

Organização de Moradores – Parte significativa das ações de Educação Ambiental que alcançam os moradores de Cubatão são atividades relacionadas à reciclagem e catação de resíduos sólidos promovidas por jornais, sindicatos ou empresas locais em parceria com as sociedades de melhoramentos de bairro, espécie de associação de moradores da região, com destacada atuação nas ações de recuperação ambiental desde a década de 1980. Mesmo entidades de cunho mais educativo, como o Centro de Capacitação Comunitária Sociedade São Vicente de Paula, na Vila Natal, são constituídas por lideranças comunitárias formadas pelas sociedades de melhoramentos, como Maria Aparecida Carneiro Costa. Dona Cida, como é conhecida na Vila Natal, conhece muito bem a história local, uma vez que sua família foi uma das primeiras a se instalar na região. Testemunhou não só o crescimento do bairro, mas o surgimento da Vila Esperança, o incêndio da Vila São José e a desapropriação do Morro do Marzagão. Em entrevista concedida em 2009, disponível em <http://focospesquisa.com.br/home/?p=90>, informou que anualmente se mobiliza uma campanha, envolvendo crianças de 9 a 11 anos que frequentam as atividades do contraturno escolar oferecidas em sua entidade, para arrecadação comunitária de materiais de reciclagem.

Vale a pena assistir:

MANGARRIADA.

Uma vila. Uma luta. Direção e Roteiro: Renato Cabral.

Cidade: Close Comunicação, 2009. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=ofdl18NH6dA>.

Acesso em: 12 set. 2009

O curta-metragem conta com belas imagens a trajetória de vida e luta da liderança comunitária Zumbi e dos moradores do bairro da Vila Esperança.

A experiência de moradores nascidos em Cubatão com uma memória de vida que se confunde com a história e recuperação ambiental da região não é um privilégio das lideranças comunitárias como Dona Cida. A transformação social que se observa atualmente na cidade é uma oportunidade de aprofundar a dimensão territorial das ações socioambientais e aproximá-las do cotidiano dos moradores, identificando-os não só como os agentes de destruição, mas de produção e cuidado com o espaço e o ambiente local, caso reconhecido como exemplar por órgãos internacionais.

Isso significa reconhecer Cubatão, com suas planícies e serras, como um espaço de permanência da vida humana, mesmo que a sociedade contemporânea tenha levado isto a um estado crítico. Muitas gerações de povos e etnias habitaram suas várzeas e mangues e percorreram seus caminhos íngremes. Pesquisas arqueológicas identificam em sítios locais práticas de mariscagem, pesca, extrativismo e manuseio da mata que estabeleceram relações duradouras com a região, como os homens do sambaqui e as famílias caíparas. Os barracos e palafitas da maioria dos moradores de Cubatão estão sobre estes sedimentos. Isso indica que de modo mais ou menos fixo, conforme o período, a cultura e a necessidade, há em Cubatão um longo legado de, ainda que esparsos, perenes engenhos humanos à procura do abrigo de seu ambiente.

A identidade socioambiental de Cubatão relaciona-se aos seus diferentes estágios de mangue, assim como à vocação de elo entre o planalto e o litoral, mas também não se pode negligenciar o horizonte inigualável da serra “com vista para o mar”, daí um de seus nomes, Paranaapiacaba. Da cidade partem inúmeros roteiros turísticos rumo a instalações, calçadas, outeiros, trilhas, quedas d’água e também passeios de barco pelos canais serpenteados da região estuarina da Baixada Santista.

As políticas e ações de Educação Ambiental realizadas na região apontam para uma abordagem mais regional e sistêmica da Mata Atlântica, não se bastando no mero reconhecimento dos ecossistemas mais presentes no local. Além disso, pretendem associar práticas de conservação permanente a usos e condutas de preservação do ecossistema local. A “recuperação social” que está em curso em

Cubatão tem como desafio reconhecer o morador e a comunidade local como agentes de promoção da vida e não apenas de destruição do meio; não haverá desenvolvimento sustentável sem o convívio social aliado à proteção ao meio ambiente.

A partir deste mapeamento, destacam-se algumas questões consideradas relevantes para o debate entre as equipes técnicas das escolas e os professores:

- Qual agente político deve ser responsável pela articulação de

Vale a pena ler!

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Reflexões, Desafios e Atividades. Brasília: MEC/SECAD, 2008. (Coleção Pensar + Agir na Escola e na Comunidade). Disponível em: http://www.educacao.gov.br/documentos/nucleomeioambiente/Cademo1_atividades.pdf. Acesso em: 12 Set. 2010.

A publicação propõe subsídios teóricos e práticos para um trabalho pedagógico nas escolas com ênfase nas questões ambientais.



iniciativas e ações externas ao cotidiano da escola? Estas ações são pontuais ou estão articuladas entre si?

• Em que condições as parcerias chegam às escolas? A autonomia da unidade de ensino é respeitada? Estes projetos reconhecem e dialogam com as ações já em curso nas escolas?

• Quais são os conceitos e objetivos de Educação Ambiental propostos pelas parcerias que buscam a escola?

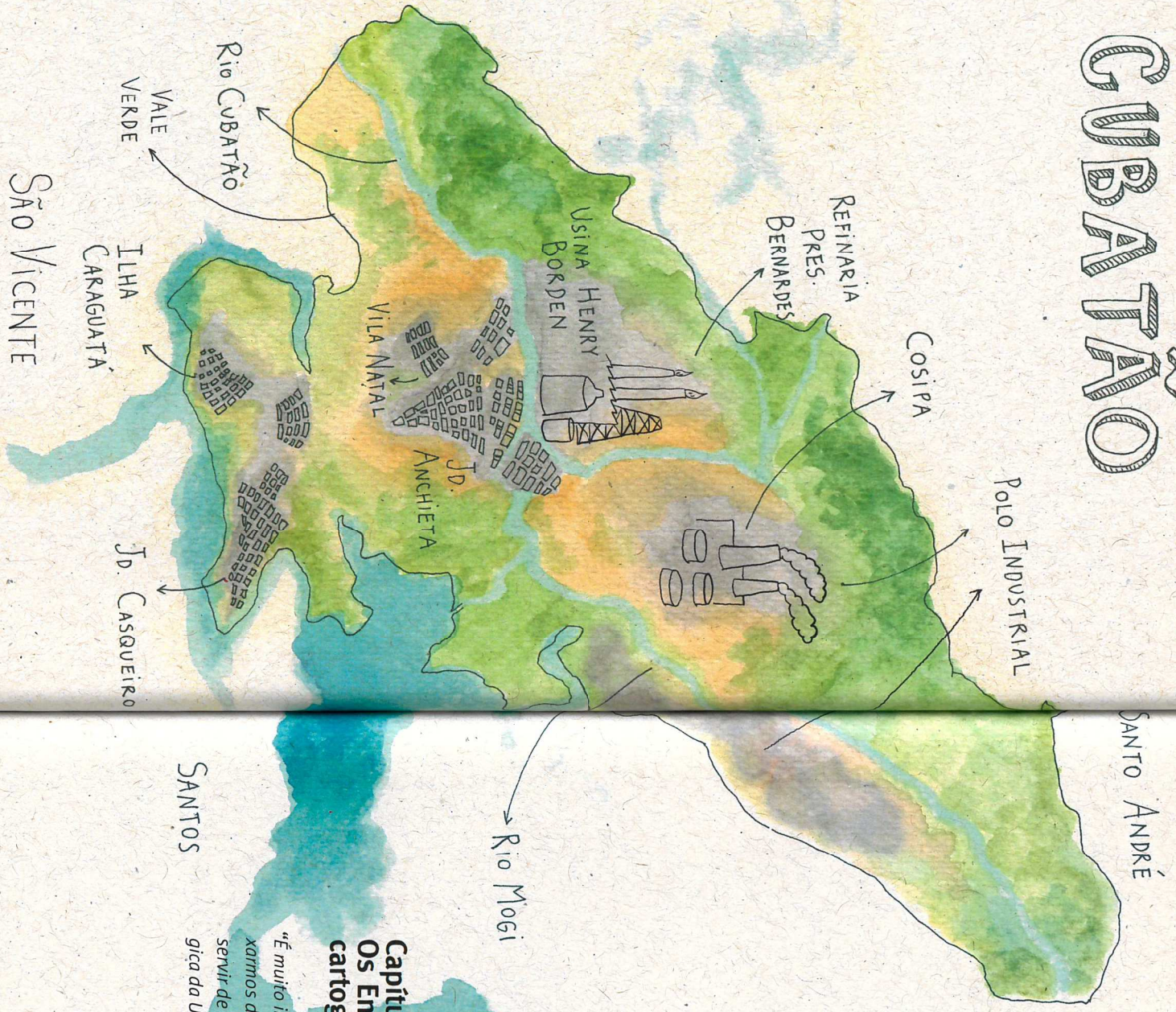
• Como os projetos das escolas podem se aproximar não só de ações desenvolvidas pelas sociedades de melhoramentos ou outras organizações comunitárias de bairro? Qual a aproximação da escola com outras experiências de Educação Ambiental que ocorrem na região?

• Como propor ações que vinculem os projetos ou atividades escolares à memória do bairro e práticas históricas de convívio com a natureza no local?

• É possível articular escola e moradores do entorno a projetos que discutam os principais problemas socioambientais do bairro e proponham soluções?

O capítulo seguinte discute essas e outras questões a partir de um exercício cartográfico baseado nos projetos e atividades de Educação Ambiental de cinco escolas municipais Ciclo II de Cubatão e nas discussões semanais realizadas entre os(as) coordenadores(as) pedagógicos(as) e outros agentes locais.

CUBATÃO



Capítulo 2 - Os Encontros Formativos: uma experiência cartográfica

"É muito importante a socialização das práticas das escolas para deixarmos de ser 'ilhas' e criarmos pontes onde uma instituição possa servir de inspiração e apoio à outra." (Isabel, coordenadora pedagógica da UME Usina Henry Borden)

Os Encontros Formativos foram o cenário para colocar em prática a experimentação da cartografia como um campo rico de produção e acesso às produções dos participantes. Essa postura nos colocou diante da nossa experiência e permitiu nossa exposição e suspensão de juízos de valor. Mais do que avaliarmos, destacamos potencialidades e capacidades, como foi o caso, por exemplo, da apresentação e discussão das atividades, projetos das escolas, suas parcerias, as aprendizagens envolvidas e adesão dos estudantes.

Enquanto temas estruturantes das ações dos encontros, os eixos formativos foram constituídos por um conjunto de debates e reflexões, de modo que os participantes produziram e identificaram pistas para a definição de seus critérios, valores e escolhas na disposição de seu espaço, organização do seu currículo e envolvimento com a comunidade escolar.

Ao todo, foram realizados seis encontros de quatro horas cada, com a participação de coordenadores pedagógicos de cinco escolas municipais de Cubatão, representantes do poder público municipal e estadual e instituições do terceiro setor. Cada encontro foi baseado em uma pauta previamente estabelecida, mas passível de mudanças conforme encaminhamentos do grupo, e seguiu o seguinte roteiro:

- Retomada e socialização do encontro anterior;
- Apresentação e discussão das atividades/projetos indicados pela direção das escolas e registrados pela equipe Focos;
- Proposta de atividades de acordo com o eixo formativo;
- Avaliação do dia.

Para cada encontro foram elaborados relatos contendo as atividades, discussões e pistas formuladas no dia. Ao início de cada reunião, o relato foi lido, resgatando e acrescentando contribuições do grupo sobre os princípios pontos do encontro anterior. Além disso, tais registros foram publicados em uma plataforma virtual (<http://focospesquisa.com.br/moodle>) assim como recursos visuais, referências bibliográficas e outras produções. Assim como a sistematização, a cada começo de encontro foi lida a avaliação do dia anterior. Esta postura permitiu ao grupo avaliar continuamente o processo de formação.

A seguir são apresentadas a sistematização dos encontros e as atividades de acordo com os eixos propostos:

Proposta de Atividade

Elaboração do Mapa dos Três Olhares

- Leitura do Texto A Cartografia elaborado por Julio Neres, Paula Chieff e Thiago Rocha. Propôs-se como estratégia de abordagem do texto uma "leitura quente": situação em que se destacam frases significativas do texto ressaltando assim suas idéias fortes.

- "Leitura quente" do texto a Cidade e os Olhos de Italo Calvino

Após a leitura, distribuir tarjetas coloridas em que cada cor representa diferentes agentes envolvidos na Escola:

- Habitante: professor, alunos e equipe técnica
- Hóspede: pais e comunidade
- Estrangeiro: poder público e setor privado

- Nestas tarjetas, os participantes escreveram frases que os agentes citados falam de sua escola. Em seguida, cada um leu e apresentou sua frase de acordo com o agente.



2.1. Cartografia das escolas

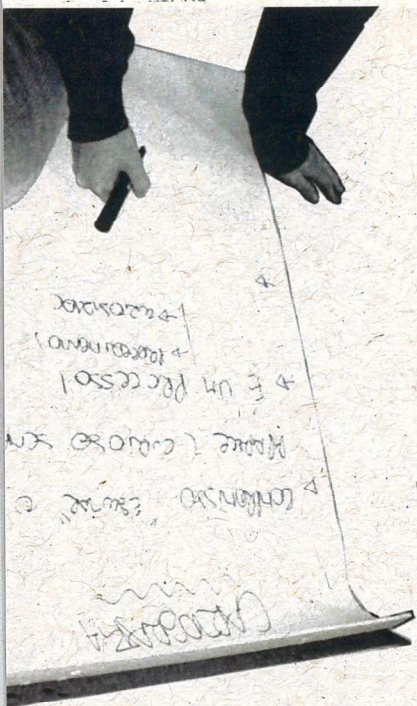
“Reconheço a existência de lógicas e sentidos em cada ‘óculo’ que usamos para ver as coisas. A gênese destas lógicas e sentidos vem de nossas experiências e práticas realizadas ao longo do tempo. Estas experiências definem o que é belo e feio, certo e errado.” (Rodrigo, coordenador do Pj MAIS)

Ampliar o olhar de quem faz

A Cartografia Escolar pretende colaborar com o desenvolvimento de processos investigativos para ampliar o reconhecimento do entorno da escola propiciando seu maior envolvimento com a comunidade.

Calcada em procedimentos de investigação de territórios e relações, a cartografia da escola pretende vincular a ocupação humana da região com o ambiente local e oferecer elementos para identificação do público e do meio ambiente imediato, reforçando abordagens ambientais relacionadas ao cotidiano dos moradores de Cubatão. O resultado deste processo muitas vezes coincide com a redefinição da identidade da escola no território, dos papéis dos membros da comunidade escolar, alterações na estrutura física da instituição e identificação de diferentes temas e questões para elaboração e definição do projeto da escola.

Abaixo, seguem as investigações das instituições escolares presentes, apresentando camada a camada com as potências destacadas.



Potências – Habitantes

Tabela 1. “Frases” dos Habitantes

Habitante	
aluno	Gosto da escola e de ficar no seu entorno Gosto bastante de atividades práticas; o formato das discussões teóricas é chato A escola é legal para encontrar meus colegas O aluno não realiza tarefas, conversa demais, brinca muito, agride física e verbalmente e desrespeita o professor Esses alunos não querem nada com nada, não valorizam a escola... Fico desanimado. Os alunos são indisciplinados, porém aceitamos o desafio. Estou muito cansada!
professor	Estou muito cansada!
equipe	Protagonismo e fortalecimento do coletivo Desgaste

A primeira coisa que chamou a atenção do grupo foi a afirmação de que a escola é um ponto de encontro. Embora esta seja uma fala recorrente dos alunos, destacou-se o desafio de tomar o aluno como parceiro. Ainda que a escola seja reconhecidamente o espaço privilegiado de socialização das crianças e dos jovens, a escola resiste a pertencer a eles.

Os representantes das instituições reconheceram a importância de dividir responsabilidades com os alunos, mas também destacaram a dificuldade em confiar. Por outro lado, também mencionaram o cansaço pela eterna vigilância que se veem obrigados a impor

Potências – Hóspede

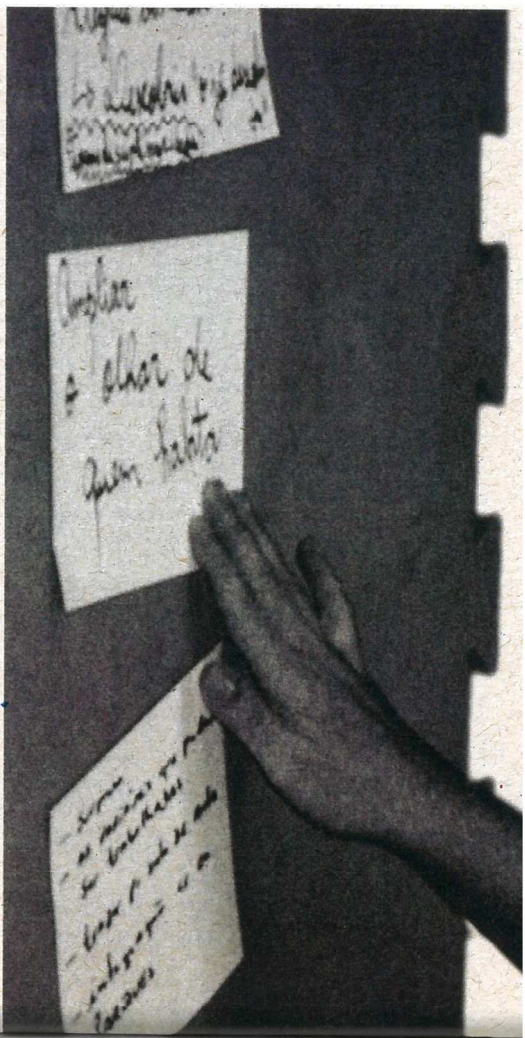
“A escola cabe identificar potências do território e mobilizar um constante (re)observar do seu território e de suas relações para que não se tornem meras ‘páginas em branco’.” (Elisabelh, coordenadora pedagógica da UME Pe Manoel da Nóbrega)

Tabela 2. “Frases” dos Hóspedes

Hóspede	Frases
	A qualidade da escola caiu, a escola não faz mais festas – pais antigos
	A escola é boa – pais novos
	Meu filho está mais responsável e interessado
pais	Não consigo ajudar meu filho; o professor não explica direito, meu filho não entende; não posso pagar professora particular
	A escola é o local em que meu filho passa um período seguro fora de casa
comunidade	Muita cobrança e pouca participação; coloca a responsabilidade somente na escola
	Boas atividades nos bairros

O primeiro olhar sobre as frases dos hóspedes que frequentam as instituições escolares destacou o fato de que o envolvimento da família e do morador da comunidade é fundamental para a produção de sentido e pertencimento. Da mesma forma que com o aluno, não há possibilidade de envolver a comunidade do entorno a não ser pela partilha de responsabilidade e definição de acordos.

A escola tornou-se um ponto de encontro de todos que vivem e atuam em uma determinada região. Na escola é inevitável encontrar pais, lideranças comunitárias ou trabalhadores locais. Quando estes atores utilizam o espaço, eles produzem novos arranjos. Isso independe da “vontade” da instituição, simplesmente acontece, podendo se tornar uma fonte de investimento e promoção de novos e outros encontros entre a comunidade.



sobre os alunos. Todos afirmaram não haver possibilidade de controle total sobre o cotidiano dos alunos; portanto, há que se desenvolver processos de maior envolvimento e partilha de responsabilidade com os alunos.

Contudo, não é apenas a relação professor-aluno que constitui uma ação educativa. Qualquer atividade pretensamente educativa tem de equilibrar um processo de contínua sistematização do conhecimento produzido com mudanças de percurso e decisões que mantêm o sentido proposto. Somente a clareza do sentido e a pertinência do debate para o local é que mantêm professores envolvidos e alunos mobilizados para o projeto definido pela instituição.

Ocorre que muitos projetos educativos trabalham com metas e conceitos genéricos e descontextualizados. A própria estrutura curricular da escola atrapalha o desenvolvimento de projetos.

Destacou-se o sucesso de experiências que trabalharam com metas menores, envolvendo atividades práticas. Ainda assim, há que se mudar o foco de toda a equipe, de modo que o PPP se torne os “óculos” pelos quais a escola “enxerga” a família, a comunidade e a sociedade.

Em 2010, na UME Martin Afonso iniciou-se um projeto com professores de português, artes, geografia, história e matemática visando a aproximação da escola com a comunidade do entorno.

Com os alunos, são realizadas atividades de censo do bairro, resgate histórico (entrevistas com moradores, pesquisa de imagens, reportagens) e mural com auxílio de professores de diferentes disciplinas e de um equipamento público de assistência social. Este projeto culmina com a apresentação das produções dos alunos aos moradores dos bairros por meio de uma festa comemorativa. Além disso, outros eventos periódicos com a participação da comunidade estão previstos ao longo do ano.

→ MEU FILHO ESTÁ RESPONSÁVEL E TRABALHA NOS BAIRROS COM A COMUNIDADE

→ BASTANTE ATIVIDADE DE PRÁTICA COM ATIVIDADES (Cursos)



Ainda que seja constante a queixa sobre a qualidade ou eficácia escolar, faz-se necessário confrontar este processo com a promoção de outras situações e diferentes usos do espaço escolar.

Vigora uma cultura política nacional em que o que é público não pode ser utilizado. Esta mesma concepção justifica a destruição do patrimônio público, pois aquilo "não é de ninguém". Porém, não há identidade escolar que não promova algum uso mútuo da instituição. A questão é: qual relação de uso mútuo se estabelece? Ou ainda: quais acordos são construídos no uso e partilha da escola?

Algumas experiências de definição de responsabilidades e uso partilhado do espaço de diferentes localidades foram mencionadas. Destacou-se a importância do momento pelo qual passa a cidade de Cubatão em função das amplas reformas de seus equipamentos escolares.

Por fim, mencionou-se a realização de atividades educativas nos espaços públicos dos bairros como uma estratégia de aproximação valorizada pela comunidade.

Potências – Estrangeiro

"A cartografia nos convida a olhar a cidade e suas relações de uma forma diferente. Deslocar o olhar acostumado e familiarizado por meio do mapeamento de agentes e formas de funcionamento numa determinada circunstância e território. A identificação de relações e territórios acaba por colocar em questão o ponto de vista de quem organiza e descreve a paisagem" (Artaxerxes, coordenado pedagógico da UME Rui Barbosa)

Tabela 3. "Frases" dos Estrangeiros

Estrangeiro	
SEDUC	A escola está mudando muito, trabalhando com metas Nós somos os que planejam, os democráticos
MEC /SARESP	Olhar indifferente às particularidades de cada escola Os índices de desempenho dos alunos nas avaliações externas devem pautar as metas de aprendizado da escola
Sector privado	Podemos ajudar! Nós estamos fazendo...
qualquer um	Seria melhor não existir a escola? Os jovens ou os alunos podem ser mobilizados para diversas ações e usos de espaços Nós, nós, nós...

Do olhar do estrangeiro, identificou-se o reconhecimento da escola como instituição pública usual e acessível a muitos, senão a todos. O espaço escolar manifesta a organização estatal nas localidades e, assim, organiza, seleciona e repercute uma série de valores e condutas.

Enquanto equipamento público, cada escola torna-se ponto de convergência de atores locais. Nesse sentido, as parcerias com a escola são inevitáveis. Como espaço agregador, demanda uma articulação e proposição aos que chegam, que a tomam, como referência do lugar.

Acolher e produzir com estes agentes exige da escola uma formulação de seus princípios e proposta que necessariamente deve debater e refletir os índices e o desempenho escolar alcançado pela instituição.

Ainda que os números e dados sobre cada instituição sejam indifferentes às particularidades de cada escola, cabe à instituição particularizar sua experiência no contexto educacional brasileiro, regional e municipal para fortalecer sua proposta e visão institucional.

O espaço de articulação local é um campo de atuação a ser exercido pelas escolas. Potências e arranjos locais mobilizados pela escola dialogam entre si e forjam uma dimensão pública e educacional nos territórios. O empoderamento da equipe da escola conquistado pela articulação local acaba por validar e fundamentar a formulação da instituição na região.

2.2 Arranjos Curriculares

De modo geral, pode-se afirmar que os arranjos curriculares pretendem favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares no tratamento das informações trabalhadas em sala de aula e fortalecer a relação entre os diferentes conteúdos abordados por conceitos, temas ou perguntas definidos pelo conjunto dos professores e equipes técnicas das escolas.

Partindo da ideia de que o conjunto de atividades que elas oferecem à sua comunidade coopera para a formação de pessoas nas múltiplas dimensões que a constituem e que os assuntos precisam ser amplos, contextualizados, vinculados à realidade local e abordados da forma mais concreta possível (VELOSO, 2007), a cartografia da escola, realizada no item anterior, foi utilizada como índice

das questões e agentes a serem articulados aos projetos curriculares de cada escola.

A expectativa de elaboração de projetos entre as diferentes disciplinas que constituem a grade curricular das instituições escolares pretende empoderar as equipes das escolas de sua responsabilidade de formuladoras de um conhecimento autoral, inédito e particular. Uma vez estruturada a proposta curricular da escola, estão criadas as condições para que os valores que mobilizam a comunidade escolar enfrentem o diálogo profícuo e necessário com o ambiente e a sociedade que a circundam.

A relação que se estabelece com o meio, instituições e sujeitos a partir da afirmação de valores e condutas pela escola é necessariamente conflituosa. O espaço escolar, entendido como nicho ecológico privilegiado onde se desenvolve o processo educativo, passa a potencializar determinados estilos mentais e forjar uma comunidade aliçada num determinado ecossistema de relações. Composições disciplinares, segundo esta abordagem, são



orientadas por conflitos morais latentes no bojo da família, comunidade e sociedade.

Como afirmado por Najla Veloso (2007) no já citado artigo “Entre Camelos e Galinhas: uma discussão acerca da vida na Escola”, vemos antes de tudo nos questionar:

A quem interessa, e a serviço de quem está o trabalho realizado pela escola? A que se pode atribuir o sucesso ou o insucesso dos educandos? A forma como o trabalho pedagógico vem se desenvolvendo tem contribuído para que todos sejam bem sucedidos e mais felizes no ambiente escolar? Dar a importância de a escola ter um projeto político-pedagógico que preveja a discussão do seu currículo. Se ela, como instituição, não tem registros de suas intenções, não tem projeto, qual a possibilidade de estar desenvolvendo ações em favor de sua comunidade? Toda escola exercita um currículo. Consciente ou inconscientemente, os que atuam no contexto escolar estão envolvidos diretamente nas tramas que forjam as identidades humanas. Nesse sentido, podemos afirmar que discutir o currículo é debater uma perspectiva de mundo, de sociedade e de ser humano.

VELOSO, Najla. Entre Camelos e Galinhas: uma discussão acerca da vida na escola. In: UNESCO; BRASIL. Ministério da Educação (MEC); BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: UNESCO/MEC/MMA, 2007. Disponível em: <portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao03.pdf>. Acesso em: 10 set. 2010.

Veja abaixo a atividade proposta e as discussões deste item:

Proposta de Atividade

Elaboração da Cartografia dos Projetos das

Escolas: 1ª Parte

Para estimular a produção da cartografia dos Projetos das Escolas foi proposta a “leitura quente” da resenha do capítulo “A escola como modelo relacional e de vivências. Implicações no Projeto Educativo” do livro Educação Ambiental como Projeto de Alberto Pardo Diaz (2002).

Em seguida, distribuíram-se oito registros de experiências de Educação Ambiental das escolas municipais de Cubatão, previamente coletadas, com o objetivo de identificar as seguintes relações com o Projetos das Escolas:

- Qual projeto institucional pode ser identificado a partir do objetivo das atividades?
- Quais são os arranjos curriculares existentes ou possíveis?
- Quais parcerias podem ser identificadas ou relacionadas às experiências?

Projeto / Objetivo

Destacou-se que, para as atividades dos professores não se tornarem ações isoladas sem um projeto maior, o próprio espaço da escola deve ser tomado como objeto de ação da comunidade escolar.

Muitas vezes, no processo de definição das experiências e aprendizados esperados, as coisas parecem começar meio sem querer, não fica claro no início de onde parte a ideia do projeto.

Experiências que utilizam a escola como espaço de sistematização do conhecimento que ela própria produz encontram apoio na ordem e estrutura do local para identificar seus objetivos.

Seus espaços, sua organização, sua rotina acabam por indicar – pelas práticas que mobilizam – o comportamento e a relação estabelecidos com o ambiente local. Servem, portanto, como espaço de exercício de atitudes e comportamentos sociais baseados numa sociabilidade calcada numa determinada rede territorial local.

Permanece como desafio das escolas na abordagem do ambiente como espaço de aprendizado o privilégio da disciplina de Ciências no tratamento e condução dos trabalhos. Ampliar a noção de meio ambiente para o bairro e para a escola permite arranjos curriculares envolvendo outras disciplinas e fortalece a relação da escola com seu território e comunidade.

Arranjos curriculares

Para as atividades que trabalham com a questão ambiental nas escolas, reconheceu-se o desejo unânime de integrar outras disciplinas. Por outro lado, destacou-se a necessidade de tempo para a aproximação entre os trabalhos dos professores.

As experiências que tiveram êxito no envolvimento de outras disciplinas tiveram maior apoio e interferência da equipe técnica da escola para se tomarem referência para outros professores.

Isso significa que a organização do tempo e do espaço escolar – ou do ambiente escolar, para falar mais precisamente – proposta pela

equipe técnica pode facilitar o debate e a articulação dos trabalhos entre os professores.

Arranjos curriculares dependem de estratégias que tornem denso o tempo habitado na escola, de modo que se potencialize a apropriação do espaço escolar pelos usos expressos no próprio regulamento das práticas e atividades disciplinares.

- Parcerias

A análise das parcerias estabelecidas nas atividades dos professores evidenciou o fato de que a ação da escola cria e dá sentidos novos às ações das instituições parceiras. Este movimento, por sua vez, é recíproco, pois traz repertórios de novas práticas à escola.

Observou-se a seguinte semelhança entre a formalização de parcerias e o processo de definição de projeto e objetivos pela escola: muitas vezes são situações casuais que despertam o interesse da escola. Ações com agentes que não eram observados ou considerados como relevantes para a proposta da escola, de repente, resultam em parcerias profícuas.

A sensibilidade e a atenção para o inusitado são potencializadas quando o projeto da escola está bem definido; neste sentido, os objetivos gerais da escola sempre são indicadores das oportunidades a serem experimentadas.



Lembrou-se que a cartografia da escola, enquanto proposta metodológica que mobiliza processos investigativos, pode indicar não apenas temas e arranjos entre as disciplinas, mas pode colaborar também na identificação de quem são os agentes disponíveis para

A atividade desenvolvida na UME Usina Henry Borden pelo professor de ciências Carlos Barbosa tem como objetivo identificar e classificar vegetais da Mata Atlântica a partir da observação e análise de espécies da região da escola.

Esta atividade é dividida em três etapas: 1) Gincana das Árvores: a partir de conteúdos sobre a classificação dos gêneros dos vegetais ministrados em sala, o professor divide a turma em equipes e desloca-se com o grupo até uma área com árvores próxima à escola e propõe atividades de identificação e reconhecimento de espécies nativas e introduzidas; 2) Orientação de pesquisa: com base em um instrumental previamente construído em sala com orientações para a identificação e registro da espécie, o professor sorteia as árvores entre os alunos; 3) Trabalho de campo: com o objetivo de fotografar e detalhar a descrição da espécie, o aluno mapeia e registra a espécie na região da escola com a ajuda de outros alunos que já realizaram a identificação de espécies. Desse modo, alunos do último ano do Ciclo II orientam a procura das espécies pesquisadas pelos alunos do primeiro ano do mesmo ciclo.



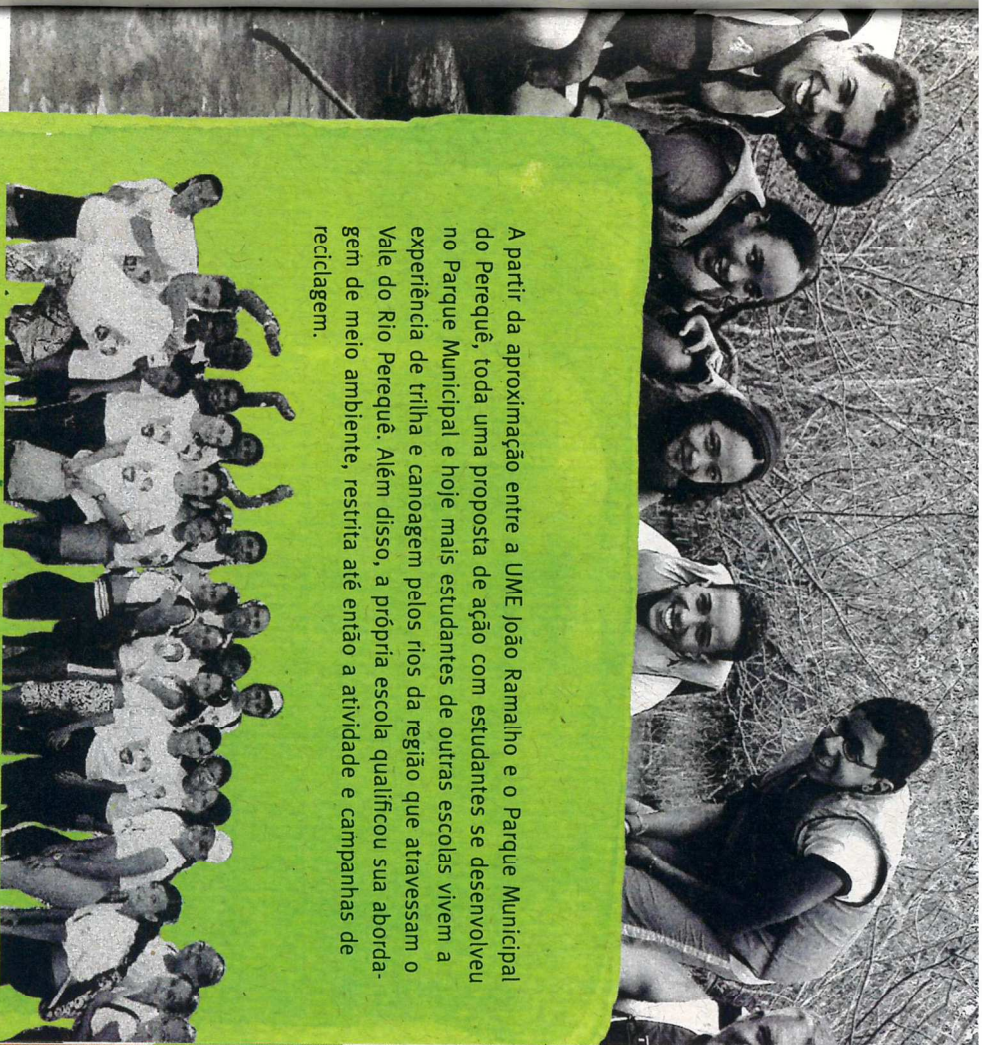
se estabelecer parceria. Mais do que pretender grandes projetos, a escola precisa reconhecer os agentes do entorno e potencializar de forma solidária e recíproca a atuação de todos que se mobilizam pelo bem viver da comunidade.

Na UME Pe. Manoel da Nóbrega, há uma atividade desenvolvida pelos professores de ciências e artes. Chama-se “Caminho dos Manguezais”, cujo objetivo geral é conhecer o ecossistema dos bairros do entorno da escola, visando sua recuperação e preservação. A atividade está dividida em quatro etapas:

São apresentados aos estudantes, em sala de aula, vídeos e imagens dos diferentes ecossistemas existentes no Brasil. A partir daí se definem quais estão presentes no ambiente de Cubatão e entorno da escola e qual a sua situação atual.

Dividem-se os estudantes em grupos para saídas de campo:

- a) Cada aluno recebe uma agenda de campo onde serão registradas as observações feitas ao longo da caminhada (o trajeto realizado com supervisão da professora de ciências, artes e voluntários foi do entorno da escola até o mangue, além de saída de barco para percorrer os rios). Vale dizer que, apesar da discussão inicial feita em sala de aula, não há um instrumental de registro para orientar os alunos. Ao contrário, valoriza-se a livre observação e registro dos alunos com base nos conteúdos de ciências apresentados e debatidos em sala de aula e, principalmente, na própria caminhada. Nesta caminhada, são realizadas entrevistas com moradores e pescadores da região, registros fotográficos do entorno da escola, mangue e rios. Além disso, por meio de uma capacitação realizada com voluntários do SESI e da Carbocolor, foram recolhidos materiais reciclados para compor o produto final.



A partir da aproximação entre a UME João Ramalho e o Parque Municipal do Perequê, toda uma proposta de ação com estudantes se desenvolveu no Parque Municipal e hoje mais estudantes de outras escolas vivem a experiência de trilha e canoagem pelos rios da região que atravessam o Vale do Rio Perequê. Além disso, a própria escola qualificou sua abordagem de meio ambiente, restrita até então a atividade e campanhas de reciclagem.



Os professores acreditam que as atividades tem potencial para se relacionar com outras disciplinas como, por exemplo, ciência e geografia. Sabem que nem todos professores tem costume ou experiência para realizar atividades de educação física se comprometeram a ser responsáveis por essa saída de campo. No entanto, para que a atividade ganhe outras dimensões que não apenas as relacionadas ao universo da educação física, o apoio de conteúdos de outras disciplinas faz-se necessário.

Assista a entrevista da professora Luciana Rosa Bertagnoli da UME João Ramalho sobre a atividade
<http://youtube.com/watch?v=tVwhpjbVY-g>

Uma questão que foi levantada sobre as parcerias da escola foi o desafio de envolver os moradores. Todavia, ressaltou-se a importância de trabalhar com pais ou grupos desinstitucionalizados que aparentemente não desempenham papel representativo na localidade. A escola atua de maneira propositiva e defnidora no ambiente imediato e sua ação pode dar visibilidade e vazão a questões repressadas ou não enfrentadas por grupos e entidades mais formalizadas.

Se os parceiros podem fortalecer a proposta da escola, fazem-se decisivas a mediação e a articulação da equipe técnica para acen- tuar e indicar os valores trabalhados pela instituição. O papel da equipe técnica foi fundamental na gestão da experiência de projeto institucional da UME Rui Barbosa apresentada e debatida no en- contro. A clareza da responsabilidade e da proposição da direção, dos assistentes e do coordenador mobilizou toda a comunidade escolar e, segundo os próprios professores, lançou horizontes e perspectivas de realização a todos que participaram.

A escola enfrenta a complexidade de educar, mas também enfrenta a complexidade do ambiente que ocupa. Nesse sentido, carrega e manifesta os conflitos de educar em seu ambiente. Apesar de ser em muitos casos a única instituição representante do Estado no território, a escola não deve tomar para si a responsabilidade de resolver todos os conflitos da sociedade e do próprio Estado. No entanto, também não pode se ausentar do debate, enquanto insti- tuição pública e espaço privilegiado de experimentação política.

O desafio está, portanto, em ver a escola como um lugar estratégi- co e privilegiado para se trabalhar o conflito em uma perspectiva pedagógica e política, na promoção e reivindicação coletiva de direitos específicos e universais; aproximando-a, desse modo, de outros agentes públicos e da sociedade. Para tanto, deve-se forta- lecer os fóruns já existentes na escola, como conselho de pais e de escola, e, se necessário, criar novos, que envolvam a participação de todos os atores da comunidade escolar.

2.3 Avaliação e Acompanhamento

Um dos maiores desafios dos Projetos das Escolas segue sendo a definição de procedimentos e indicadores de acompanhamento e avaliação de suas práticas.

As dimensões do universo escolar a serem analisadas pelas escolas (saberes, atitudes e comportamentos) devem estar direcionadas a todos os membros da comunidade escolar.

Com base na cartografia e arranjos curriculares elaborados por cada escola, pretendeu-se identificar perguntas que permitem a reflexão de suas práticas cotidianas ao plano geral da instituição.

Para a carência de sistematização das práticas e informações pro- duzidas pela escola, salientou-se a importância de um ambiente em que se valorize mais o caráter de acompanhamento do que o de avaliação das atividades. Deve-se ter, portanto, um enfoque quali- tativo, sistêmico, processual e formativo.



A avaliação foi abordada como momento de tomada de decisões para manutenção ou adequação de práticas ao sentido proposto no projeto da escola.

Destacou-se que o acompanhamento das práticas pode se basear nas produções dos alunos e nas experiências das escolas. Os produtos, registros e informações destas práticas devem ser deliberadamente disponibilizados no ambiente escolar de modo a envolver os ocupantes na atmosfera de produção da escola.

Proposta de atividade

Elaboração da Cartografia dos Projetos das Escolas:
2ª Parte

Para fomentar a produção da cartografia dos Projetos das Escolas como foco na discussão da avaliação, foi proposta a leitura da resenha do capítulo "A avaliação qualitativa. Critérios e instrumentos de Avaliação. Avaliação e Atitudes; dificuldades e sugestões. Uma experiência Concreta", do livro Educação Ambiental como Projeto de Alberto Pardo Diaz (2002).

Em seguida, distribuíram-se os mesmos oito registros de experiências de Educação Ambiental utilizados na atividade anterior, com o objetivo de identificar a seguintes relação com os Projetos das Escolas

- Quais práticas de acompanhamento e avaliação podem ser identificadas ou relacionadas às experiências?

Na UME Rui Barbosa, o professor de ciências João Reynolds relatou a atividade da Feira de Ciências como uma experiência de sucesso na escola. Esta atividade é realizada há muito tempo na escola e envolve todos os anos do Ensino Fundamental Ciclo II. Cada ano deve abordar o tema específico que está estudando relacionado à questão do meio ambiente.

Os professores de ciências apresentam a proposta e convidam os alunos.

Cada proposta deve ser elaborada por grupos de cinco alunos e tem liberdade de criação (utilização livre de recursos audiovisuais) e produção, desde que se utilize de materiais biodegradáveis, não poluentes.

Durante o período de elaboração do projeto, os professores envolvidos na feira disponibilizam os 15 minutos finais da aula para orientar os grupos. A pesquisa das fontes que subsidiam os projetos fica a cargo dos alunos, mas o professor os auxilia também.

Com o produto pronto, os grupos apresentam o projeto para uma comissão avaliadora formada pelos professores participantes e equipe técnica da escola. Os critérios de avaliação dos projetos são: a) coerência conceitual ao tema; b) procedimentos e atitudes. Todos os projetos ganham uma nota final que valerá para a disciplina de ciências.

A Feira de Ciências é realizada no mês de junho. Nesse momento, a comunidade é convidada a participar e prestigiar o evento.



A seguir, seguem algumas situações destacadas para a sistematização do conhecimento produzido pela escola:

- do aluno – avaliações individuais e em grupo, participação e trabalhos de pesquisa orientados;
- do processo – apresentação de trabalho, exposição de produtos, seminários de classe, debates coletivos abertos ou fechados;
- do projeto – eventos de culminância, festas abertas à comunidade, atividades de parceiros locais da escola – reuniões ordinárias, conselhos de escola, reuniões.

Os produtos, registros e informações destas práticas podem servir como referência dos resultados alcançados pela escola. A organização e a visibilidade da produção da escola evidenciam resultados mais qualitativos e dão maior destaque ao processo percorrido por cada escola.



Capítulo 3 – Contribuições Socioambientais aos Projetos das Escolas

“Considerando que não há modelo único para ação educativa ambiental, pois ela é forjada em seu contexto, nem há ordem de prioridades para tratar questões: [...] Qualquer que seja o projeto educativo é possível incluir a questão socioambiental, desde que haja a intenção clara de reconhecer a interdependência dos fenômenos que configuram a realidade, descobrir caminhos coletivos para melhorar a qualidade de vida e traçar estratégias de comunicação de propostas sustentáveis” (Denise Segura. Educação Ambiental nos Projetos Transversais)

O mapeamento dos agentes e ações locais, assim como a cartografia dos projetos e experiências escolares de Educação Ambiental em Cubatão, tem o objetivo de orientar ações e projetos que fortaleçam a relação das escolas com questões socioambientais. As contribuições que seguem partem das práticas de professores da rede municipal de ensino, mas considera também iniciativas públicas de orientação e acompanhamento dos projetos das escolas.

O município de Cubatão aderiu ao Plano de Metas Todos Pela Educação: programa estratégico do governo federal que colocou à disposição dos estados e municípios instrumentos eficazes de avaliação e implementação de políticas de melhoria da qualidade da educação.

Inicialmente, os estados e municípios realizaram um levantamento minucioso de sua realidade educacional. A partir desse diagnóstico, desenvolveram um conjunto coerente de ações para enfrentar dificuldades observadas e valorizar experiências existentes na rede pública de ensino. Este processo resultou no Plano de Ações Articuladas (PAR), instrumento de gestão pública da educação para estados e municípios.

Para maiores informações sobre o Plano de Ações Articuladas (PAR), visite:

<http://simec.mec.gov.br/cte/relatoriopublico/principal.php>

O PAR está estruturado em quatro grandes dimensões, as mesmas que estruturam estas contribuições socioambientais:

1. Gestão democrática: articulação e desenvolvimento dos sistemas de ensino;
2. Formação de professores e dos profissionais de serviço e apoio escolar;
3. Práticas pedagógicas e avaliação;
4. Infraestrutura física e recursos pedagógicos

Portanto, as contribuições socioambientais aos Projetos das Escolas de Ensino Fundamental Ciclo II de Cubatão apresentadas neste capítulo organizam-se nas quatro dimensões do PAR, considerando os seguintes processos ou produtos:

- Mapeamento dos agentes e ações locais de Educação Ambiental;
- Cartografia dos projetos e experiências escolares de Educação Ambiental realizada nos Encontros Formativos;
- Plano de Ações Articuladas (PAR) de Cubatão;
- Plano de Atenção à Educação (PAE), proposta da atual gestão para gestão pública da educação.

Gestão democrática: articulação e desenvolvimento dos sistemas de ensino

O PPP é um documento em constante formulação. Quando não re-presentar mais o debate da escola com a comunidade escolar ou não alcançar a produção dos professores e alunos, há que se ter sensibilidade para readequá-lo. – Encontros Formativos

Qual agente político deve ser responsável pela articulação de iniciativas e ações externas ao cotidiano da escola? Estas ações são pontuais ou estão articuladas entre si? – Mapeamento

O espaço escolar é utilizado pela comunidade em situações excepcionais, quando outros espaços comumente utilizados estão indisponíveis. A SEDUC não tem nenhuma ação planejada para mudar a situação. – PAR

Existem Conselhos de Escola (CEs) em menos de 50% das escolas. Eles são pouco atuantes (apenas no papel). A SEDUC sugere a implantação, mas não a orienta. As escolas da rede, em parte, mobilizam-se para implantar CEs, mas não recebem orientação. – PAR

Aplicação dos indicadores de Qualidade por meio do CE. – PAE

A propalada “crise civilizatória” – que suspeita do projeto capitalista para a sociedade – também atravessa as instituições escolares. No ambiente local, a escola é a manifestação total de uma parcialidade; todavia, isoladamente, não exerce sua potência. – Encontros Formativos

O que a escola quer? As instituições educacionais ocupam um lugar privilegiado no território de modo que podem irradiar um discurso sobre o local que seja simultaneamente potente e viável. – Encontros Formativos

Há um Plano Municipal de Educação (PME) e um programa de acompanhamento e avaliação de suas metas, executado por um conselho que conta com a participação de professores e gestores, sem a presença de representantes da sociedade civil organizada. A avaliação não é contínua e o acompanhamento é voltado à análise de aspectos apenas quantitativos. – PAR

Em que condições as parcerias chegam às escolas? A autonomia da unidade de ensino é respeitada? Estes projetos reconhecem e dialogam com as ações já em curso nas escolas? – Mapeamento

A responsabilidade da equipe técnica da escola na condução. A proposição do projeto da escola realiza-se necessariamente pelos seus membros mais presentes. A direção da escola, com seus assistentes e coordenadores, afirma a proposta da instituição ao agenciar a cena local com base numa elaboração experimentada e refletida. – Encontros Formativos

A constituição da escola demanda outros fóruns e formulações. O PPP lança as bases do debate público a ser proposto pela escola. Espaços e situações públicas são fundamentais para a legitimação do projeto da escola, mas cada instituição os elabora de modo muito particular. – Encontros Formativos

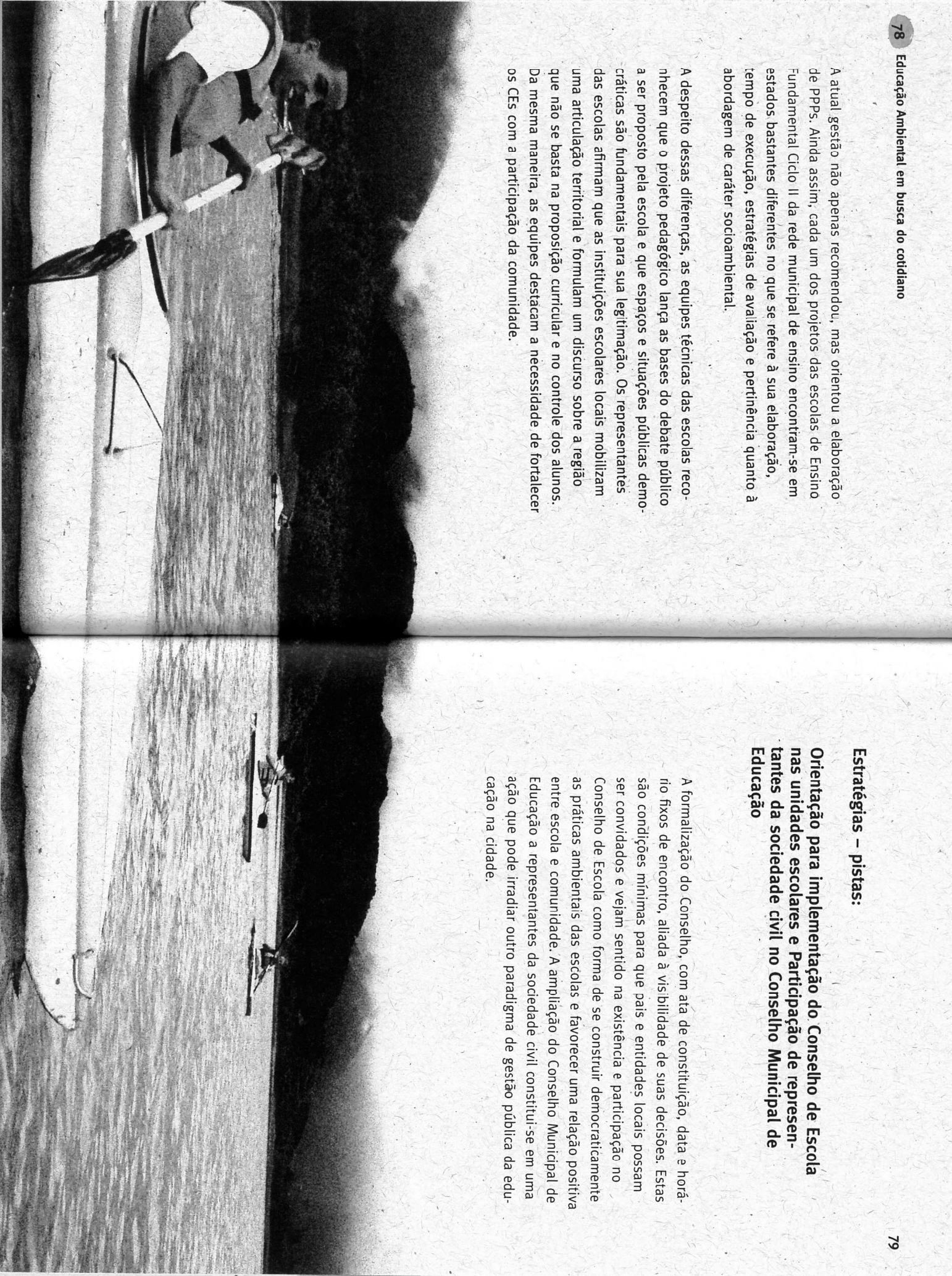
Otimizar a atuação dos CEs, associações de pais e mestres e os grêmios estudantis. – PAE

A atual gestão não apenas recomendou, mas orientou a elaboração de PPPs. Ainda assim, cada um dos projetos das escolas de Ensino Fundamental Ciclo II da rede municipal de ensino encontram-se em estados bastante diferentes no que se refere à sua elaboração, tempo de execução, estratégias de avaliação e pertinência quanto à abordagem de caráter socioambiental.

A despeito dessas diferenças, as equipes técnicas das escolas reconhecem que o projeto pedagógico lança as bases do debate público a ser proposto pela escola e que espaços e situações públicas democráticas são fundamentais para sua legitimação. Os representantes das escolas afirmam que as instituições escolares locais mobilizam uma articulação territorial e formulam um discurso sobre a região que não se basta na proposição curricular e no controle dos alunos. Da mesma maneira, as equipes destacam a necessidade de fortalecer os CES com a participação da comunidade.

Estratégias – pistas: Orientação para implementação do Conselho de Escola nas unidades escolares e Participação de representantes da sociedade civil no Conselho Municipal de Educação

A formalização do Conselho, com ata de constituição, data e horário fixos de encontro, aliada à visibilidade de suas decisões. Estas são condições mínimas para que pais e entidades locais possam ser convidados e vejam sentido na existência e participação no Conselho de Escola como forma de se construir democraticamente as práticas ambientais das escolas e favorecer uma relação positiva entre escola e comunidade. A ampliação do Conselho Municipal de Educação a representantes da sociedade civil constitui-se em uma ação que pode irradiar outro paradigma de gestão pública da educação na cidade.



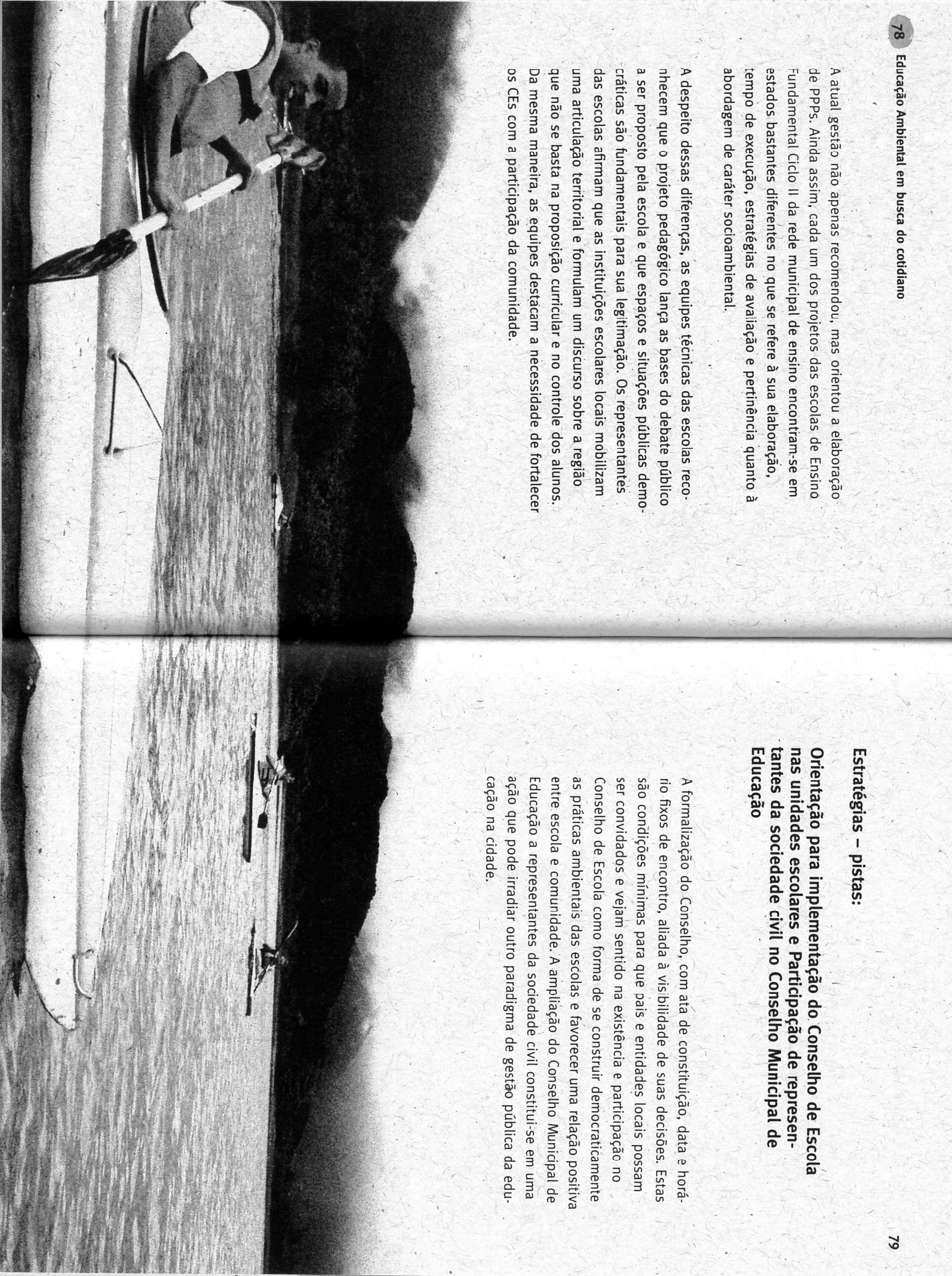
A atual gestão não apenas recomendou, mas orientou a elaboração de PPPs. Ainda assim, cada um dos projetos das escolas de Ensino Fundamental Ciclo II da rede municipal de ensino encontram-se em estados bastante diferentes no que se refere à sua elaboração, tempo de execução, estratégias de avaliação e pertinência quanto à abordagem de caráter socioambiental.

A despeito dessas diferenças, as equipes técnicas das escolas reconhecem que o projeto pedagógico lança as bases do debate público a ser proposto pela escola e que espaços e situações públicas democráticas são fundamentais para sua legitimação. Os representantes das escolas afirmam que as instituições escolares locais mobilizam uma articulação territorial e formulam um discurso sobre a região que não se basta na proposição curricular e no controle dos alunos. Da mesma maneira, as equipes destacam a necessidade de fortalecer os CES com a participação da comunidade.

Estratégias – pistas:

Orientação para implementação do Conselho de Escola nas unidades escolares e Participação de representantes da sociedade civil no Conselho Municipal de Educação

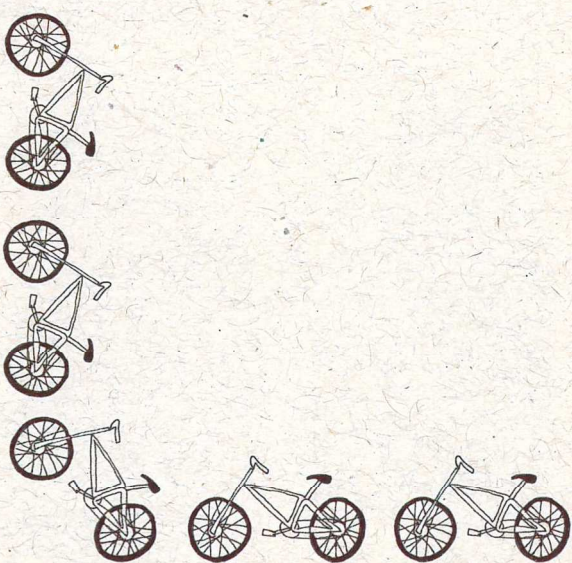
A formalização do Conselho, com ata de constituição, data e horário fixos de encontro, aliada à visibilidade de suas decisões. Estas são condições mínimas para que pais e entidades locais possam ser convidados e vejam sentido na existência e participação no Conselho de Escola como forma de se construir democraticamente as práticas ambientais das escolas e favorecer uma relação positiva entre escola e comunidade. A ampliação do Conselho Municipal de Educação a representantes da sociedade civil constitui-se em uma ação que pode irradiar outro paradigma de gestão pública da educação na cidade.



Formalização das parcerias mobilizadas pela escola

Se a escola tem parceria apenas com quem a procura, dificilmente consegue reunir o que precisa para desenvolver seu projeto. A escola pode e deve articular agentes e ações locais em torno de suas questões e comunidade. Mas a validação das parcerias com projetos e programas envolvendo a iniciativa privada, organizações públicas ou mesmo outros setores estatais deve envolver instâncias de decisão mais amplas, como o próprio Conselho de Escola. Além disso, as ações devem se adequar às circunstâncias e demandas locais. É fundamental que a parceria não dependa apenas de um profissional da escola, pois o comprometimento do parceiro é com a instituição escolar.

Nesse debate, deve-se atentar para a lógica estabelecida nas parcerias realizadas entre as indústrias e as escolas. De acordo com os coordenadores, há que se qualificar estas parcerias, pois se reconhece, por um lado, a importância delas no contexto local – geração de empregos, financiamento de projetos etc. No entanto, por outro lado, deve-se evitar a dependência destas iniciativas como única fonte de recursos externos e elaborar uma posição crítica a respeito dos interesses privados em atuação na escola. É sabido, por exemplo, que há um número considerável de projetos nas escolas financiados por estas indústrias como forma de cumprimento de demandas judiciais (Termos de Ajustamento de Conduta – TAC), principalmente por conta de violações ambientais. Além disso, muito destes e outros projetos com financiamento privado não são planejados em conjunto com o corpo técnico da escola ou não conversam com suas demandas específicas, mas chegam como “pacotes fechados”. Há, portanto, que se inverter esta lógica: as escolas não mais se colocarem apenas como receptoras, mas também como proponentes de ações e projetos.



Abertura da escola a eventos da/para/com a comunidade e Sistematização da memória da comunidade

Trazar a realidade de fora da escola para dentro, retornando com ações educativas na/para/com a comunidade, é o pressuposto de uma abordagem socioambiental participativa e crítica. As ações escolares com foco socioambiental devem promover a ocupação de seu espaço, incluindo os moradores nos diferentes processos de criação da proposta.

Há um longo caminho a ser percorrido para a aproximação com a comunidade, ainda mais quando pautado no estímulo à reflexão e ação transformadora da realidade socioambiental em questão. Como foi visto, o projeto ainda em construção da UME Martim Afonso segue nesse percurso ao estimular por meio de atividades com alunos e professores um conhecimento da realidade do bairro. Como culminância deste projeto, pretende-se realizar eventos na escola para dar visibilidade às informações coletadas e, assim sendo, iniciar um debate com a comunidade sobre os problemas socioambientais da região.

Humanização do ambiente da sala dos professores. – PAE

Elaboração e implementação de Plano de Formação Continuada para todos os profissionais da educação. – PAE

De acordo com o MEC, não existem políticas voltadas para a formação continuada dos professores que atuam nos anos/séries finais do Ensino Fundamental de Cubatão, visando a melhoria da qualidade de aprendizagem de todos os componentes curriculares. – PAR

Implantação das coordenações de área, inclusive de Educação Ambiental. – PAE

O que a escola pode? O projeto da escola é um fato político local incontornável. A instituição escolar descreve um ambiente social específico ao propor seu projeto como uma determinada interpretação sobre a região. – Encontros Formativos

Garantir a formação dos gestores das escolas para atualização de concepções e procedimentos da gestão democrática. – PAE

Criação da Casa do Educador e desenvolvimento de projetos voltados para a qualidade de vida dos profissionais de educação. – PAE

Formação de professores e de profissionais de serviço e apoio escolar

Menos de 10% das escolas da rede municipal de Cubatão possuem pelo menos um profissional de serviço e apoio escolar que participa ou participou de programas de qualificação, voltados para gestão escolar. – PAR

Quais são os conceitos e objetivos de Educação Ambiental propostos pelas parcerias que buscam a escola? – Mapeamento

Implantação de mecanismos de acompanhamento (reuniões periódicas de avaliação). – PAE

Há em Cubatão inúmeras iniciativas de formação de professores em questões socioambientais promovidas pelas três esferas de governo e também por instituições do terceiro setor. Tanto as equipes técnicas das escolas como os professores elogiaram e reconheceram estas ações como imprescindíveis. Porém, em alguns casos, as formações estão focadas apenas no professor e em suas práticas, dialogando pouco com o projeto ou outros agentes escolares.

As ações de formação com ênfase socioambiental não envolvem apenas atividades relacionadas diretamente à sala de aula, tendo o professor como principal mediador. A abordagem socioambiental na formação de todos os profissionais da escola atualmente reforça a integração e apropriação do território pelas instituições escolares. O desafio está em compreender a escola como instituição que educa pela produção de conhecimento sobre um determinado ambiente.

Estratégias – pistas:

Reforço do Horário de Trabalho Pedagógico (HTP) como espaço de elaboração da proposta e currículo escolar

O Horário de Trabalho Pedagógico (HTP) constitui um espaço de formação único, ainda que breve, dentro da rotina escolar. Reúne parte dos docentes que podem estar na escola naquele horário, e é geralmente pautado por questões de gestão e pelo conselho de classes. Os coordenadores pedagógicos, como responsáveis por organizar os HTPs, mediam a relação dos professores com a escola e seu projeto. Estes profissionais participam de encontros periódicos para debater especificamente sobre a proposta de cada instituição, mas estão muitas vezes pautados apenas por metas externas, indiferentes à particularidade de cada escola, como afirmaram na cartografia das escolas. Estes profissionais destacaram a dificuldade de ritualizar espaços de formação que sustentem o projeto das escolas.

No processo de elaboração do PPP da UME Rui Barbosa, a coordenação apresentou uma minuta de proposta aos professores e, em seguida, verificou a pertinência do tema socioambiental e das

atividades aos estudantes. Para tanto, foram realizadas saídas de campo no entorno da escola com professores, nos HTPs, e com alunos para ver e discutir quais os principais problemas do bairro. Nessa ocasião, os alunos não só manifestaram interesse no tema e nas atividades, como sugeriram algumas ações aos professores. Estas sugestões foram apresentadas em outra reunião de HTP, sendo que algumas delas foram incorporadas ao projeto final.

Apoio do CAPFC e demais agentes de Educação Ambiental da região à escola

O CAPFC dispõe de profissionais qualificados para assessorar o desenvolvimento de projetos pedagógicos em todas as disciplinas, além de orientar e acompanhar a definição dos currículos das escolas. Colaboram na formulação de projetos de disciplinas, mas também na definição dos valores e escolha de procedimentos de cada instituição.

Além disso, há em Cubatão inúmeras iniciativas de outros agentes de Educação Ambiental e o início da formação de um Grupo de Trabalho específico para discutir o tema. O desafio está na aproximação destes agentes de maneira que se busque, ao mesmo tempo, valorizar a autonomia das escolas e fornecer apoio técnico necessário para a realização de projetos socioambientais que dialoguem com a realidade local de forma crítica.

Reconhecimento da autoria do professor em iniciativas de Educação Ambiental

Dar visibilidade à produção do professor em espaços coletivos como HTP ou eventos nas escolas fortalece o debate em torno de atividades existentes, assim como do projeto da escola, facilitando, por exemplo, a realização de parcerias com outras disciplinas ou agentes externos.

Na UME Usina Henry Borden, iniciou-se a construção do PPP da escola em 2008 a partir do fortalecimento das práticas dos professores. Para tanto, foram realizadas reuniões no HTP, que privilegiaram a autonomia dos professores e a escola como espaço de produção de conhecimento.

Em qual território – pedagógico – o aluno se sente mais à vontade? Que circunstâncias mobilizamos para que o aluno exerça seus conhecimentos já adquiridos e se entenda como um produtor e detentor de um saber? – Encontros Formativos

Ocorrem reuniões e HTPs para discussão de conteúdos e metodologias de ensino, mas estas não contam com a participação de todos os professores. – PAR

Práticas pedagógicas e avaliação

A SEDUC e as escolas preveem, mas não dão condições para a realização de práticas pedagógicas fora do espaço escolar; as atividades ficam restritas a algumas visitas e não envolvem a integração com a comunidade do entorno. – PAR

Como os projetos das escolas podem se aproximar não só de ações desenvolvidas pelas sociedades de melhoramentos ou outras organizações comunitárias de bairro? Qual a aproximação da escola com outras experiências de Educação Ambiental que ocorrem na região? – Mapeamento

Como propor ações que vinculem os projetos ou atividades escolares à memória do bairro e práticas históricas de convívio com a natureza no local? – Mapeamento

Os professores geram o conceito final privilegiando elementos informativos; não há estímulo à autoavaliação e existem poucas práticas interdisciplinares. – PAR

Como acessar a memória disponível no ambiente cotidiano da comunidade e fortalecer relações de vizinhança e afetividade com o entorno físico e social da escola? – Encontros Formativos

Os projetos da escola ou das disciplinas materializam-se em atividades e objetivos vinculados à elaboração de produtos. Além disso, quando estes produtos ocorrem novamente, criam-se repetições e facilita-se a percepção do processo e fechamento dos ciclos. – Encontros Formativos

Os currículos escolares atuais preveem cada vez mais atividades práticas, voltadas ao ambiente próximo, relacionando o estudo da realidade à busca de soluções ou iniciativas. Esta tendência aponta para práticas pedagógicas que não enfrentam a questão ambiental apenas de maneira disciplinar.

Nesse ponto destaca-se um grande desafio: a busca pela interdisciplinaridade. Reconhecer a interdependência dos diversos elementos que compõem a realidade e que a apreensão desse todo implica em uma comunicação profunda entre os diversos saberes – científico (em suas várias áreas), cultural e vivencial das pessoas – é a base conceitual para tratarmos da transversalidade da temática ambiental. Estamos falando, então, em aprender sobre/com/na realidade, ou seja, sobre as questões da vida cotidiana. No entanto, na experiência percebe-se uma dificuldade de diálogo entre as disciplinas, o que indica a necessidade de um maior protagonismo daquele que foi chamado na publicação de “articulador dos fazeres da escola”: o(a) coordenador(a) pedagógico(a).

No que se refere a avaliação e acompanhamento dos projetos das escolas, pode-se diminuir a expectativa e a pretensão dos projetos. Considerar mais o processo de produção envolvido nas experiências. Metas menores postas em perspectiva foram um ambiente de estímulo e envolvimento do grupo escolar que projeta possibilidades mais continuadas e pretensiosas.

De acordo com Denise Segura, “é necessário ter clareza acerca dos limites da escola como propulsora de projetos de transformação socioambiental. A educação ambiental, no âmbito escolar ou fora dele, compõe um conjunto de ações que visam a melhoria da qualidade de vida. Quando somente se esperam grandes mudanças a partir de projetos pedagógicos, não se valorizam os avanços possíveis, fundamentais para consolidar a confiança no processo de transformação gradual e contínuo” (MEC, 2007).

Estratégias – pistas:

O protagonismo da equipe técnica escolar é fundamental na definição de temas e valores escolhidos pelo projeto institucional

Em todas as experiências relatadas pelos coordenadores pedagógicos, o grupo de professores foi sensível, em alguma medida, à proposta de projeto ou atividade feita pela equipe técnica da escola. Algumas vezes, poucos professores se interessaram, como no convite da coordenação da UME Usina Henry Borden para o desenvolvimento de atividades interdisciplinares relacionando cultura e ambiente. Em outras situações, conquistaram gradativamente um conjunto maior de disciplinas e colaboradores, como aconteceu com a Feira de Ciências desenvolvida há mais de oito anos na UME Rui Barbosa e que vem se constituindo como projeto de culminância de todas as disciplinas. A equipe técnica da escola, por permanecer mais tempo na instituição, é reconhecida como interlocutora pelo grupo de professores e pela comunidade e deve influenciar o projeto da escola com um discurso sobre as práticas, os hábitos e os valores da comunidade escolar.

Projetos de escola bem sucedidos valorizam os projetos existentes e articulam ações entre as disciplinas e os agentes

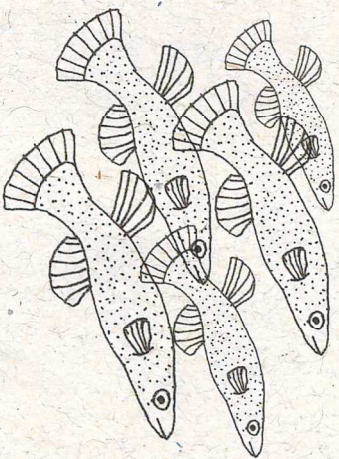
Na UME Usina Henry Borden, o PPP seguiu o modelo proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, privilegiando as peculiaridades da escola e de seus estudantes. Priorizou-se na definição dos projetos e ações curriculares o protagonismo dos alunos e professores, por meio de projetos temáticos com eixos voltados para as vertentes ambiental e cultural. Com a proposta concluída, a escola procurou o apoio de parcerias de agentes externos à escola.

Projetos institucionais com ênfase socioambiental debatem valores e temas vinculados ao cotidiano dos moradores

Uma possibilidade prática apontada pela experiência da UME Martin Afonso no que diz respeito à aproximação entre o projeto da escola e as questões socioambientais dos bairros do entorno é a integração das práticas dos professores à realidade local por meio de um mapeamento do cenário social, político, ambiental, econômico e cultural da região. A partir dos assuntos de maior interesse dos moradores, estratégias e ações nas escolas foram oferecidas pela direção da escola, como por exemplo a exibição periódica de filmes.

Dar visibilidade a pequenas produções escolares facilita a definição de metas realizáveis e permite uma avaliação mais processual

O grupo de escolas participantes dos Encontros Formativos não percebe como problema as avaliações externas, por exemplo o IDEB. Reconhecem a importância desse instrumento como indicador de acompanhamento na qualidade de ensino. No entanto, pontuam a necessidade de formas de avaliação e acompanhamento baseados em metas que respeitem o processo de execução dos projetos das escolas e valorizem as produções dos estudantes, professores e equipe técnica. Um processo de avaliação que reconheça questões particulares a cada instituição depende de um movimento interno à escola para contrapor a avaliação externa à formulação e experiência de cada local.



Os momentos de síntese das produções dos alunos podem destacar ou indicar articulações possíveis entre as disciplinas e também com agentes externos à escola

A escola compõe um ambiente marcado por ritmos e repetições que instituem procedimentos e normas reconhecidos em diversos outros ambientes sociais. Valorizar a produção dos alunos e sua relação com o ambiente imediato significa relacionar a sociedade a uma experiência particular. Privilegiar momentos de síntese, com a promoção de eventos que promovam visibilidade e circunstancialidade pública às produções dos alunos, pode dotar o espaço escolar de marcas e referências relevantes à experiência de vida de quem passa por estas instituições.

Apesar de mais de 50% das escolas da rede possuírem quadra de esportes, a maior parte necessita de reparos, pois não há total segurança na utilização. – PAR

Como o estudo de meio realizado pode relacionar-se aos conteúdos das disciplinas, de maneira que o professor se entenda também como autor e produtor de conhecimento? – Encontros Formativos

É possível articular escola e moradores do entorno a projetos que discutam os principais problemas socioambientais do bairro e proponham soluções? – Mapeamento

As experiências de estudo de meio podem ser ritualizadas de modo a representar o projeto da escola para cada ano ou mesmo para todo um ciclo. Além do caráter lúdico, tornam-se ritos de passagem e mobilizam a comunidade. – Encontros Formativos

Não há confecção de materiais didáticos e pedagógicos próprios pelas escolas da rede municipal de Cubatão. – PAR

16 reformas e 12 construções de unidades escolares. – PAE

As escolas possuem computadores ligados à rede mundial de computadores, mas a quantidade existente não permite utilização frequente por parte de todos os professores e alunos. – PAR

Projeto Escola Legal – Através da integração com as áreas de cultura, esporte, meio ambiente e cidadania, o aluno terá novas atividades aliadas ao processo educacional ampliando a jornada escolar e a formação completa da criança e do jovem adolescente. – PAE

As escolas da rede possuem TV e vídeo em sala não específica e os materiais didáticos disponíveis não são atualizados. – PAR

Relacionar as produções e pesquisas dos alunos a usos do espaço escolar, integrando o uso de bibliotecas, quadra, pátio, laboratórios, arquivos e fontes de conhecimento disponíveis na escola. – Encontros Formativos

Quando existem bibliotecas nas escolas municipais de Cubatão, elas são inadequadas para o acervo e para realização de estudos e, além disso, não existem laboratórios. – PAR

Infraestrutura e recursos pedagógicos

A apropriação por parte da escola de sua dimensão espacial ainda é bastante incipiente. A abordagem do território refere-se majoritariamente a seu aspecto físico, desconsiderando o fato de que a natureza, o local e a sociedade foram o ambiente – por que não também “pedagógico” – em que vive o aluno.

A escola enfrenta o desafio de educar, mas de educar em um território específico. Se não existe uma fórmula universal para escola, cabe a cada instituição criar e agenciar seus recursos pedagógicos para fundamentar sua proposta. Todavia, provoca algum estranhamento o fato de as instituições escolares não considerarem o uso do espaço escolar e de estratégias extraclasses ou fora da escola como recurso de aprendizado.

A escola deve ser vista também como agência pública cultural e ambiental. O aluno deve vivenciar o discutido em sala de aula; o deslocamento das atividades pedagógicas para outros espaços fora da sala de aula fornece elementos para que o aluno reflita e produza conhecimento sobre o assunto tratado. Privilegiar apenas o ensino da sala de aula artificializa o conhecimento.

Estratégias – pistas:

Ambiente institucional como suporte das estratégias de sistematização e visibilidade da produção escolar

A própria disposição do espaço escolar pode indicar o uso e acessibilidade a conhecimentos, organizar e referenciar posturas, estimular a troca e convívio entre experiências de pesquisa. Como relacionar as produções e pesquisas dos alunos a usos do espaço escolar, integrando o uso de bibliotecas, quadra, pátio, laboratórios, arquivos e fontes de conhecimento disponíveis na escola? O confinamento da prática educativa e do cotidiano docente à sala de aula constitui o principal desafio socioambiental enfrentado pela escola.

Estudo de meio como recurso pedagógico reforçando ritos e ciclos escolares

Atividades externas à escola proporcionam reflexões sobre a teoria e a prática pedagógica. Quando associadas à produção dos alunos (vídeos, fotos, desenhos, textos etc.) a atividade ganha novas dimensões, sensibilizando e aprofundando a discussão proposta ou até mesmo integrando outras disciplinas, como artes, português, história, geografia. Muitas experiências de estudo de meio são ritualizadas de modo a representar o projeto da escola para cada ano ou mesmo para todo um ciclo. Além do caráter lúdico, tornam-se ritos de passagem e mobilizam a comunidade. Na ida a campo, exercitam-se e são constituídos novos olhares sobre a natureza e a sua própria realidade.

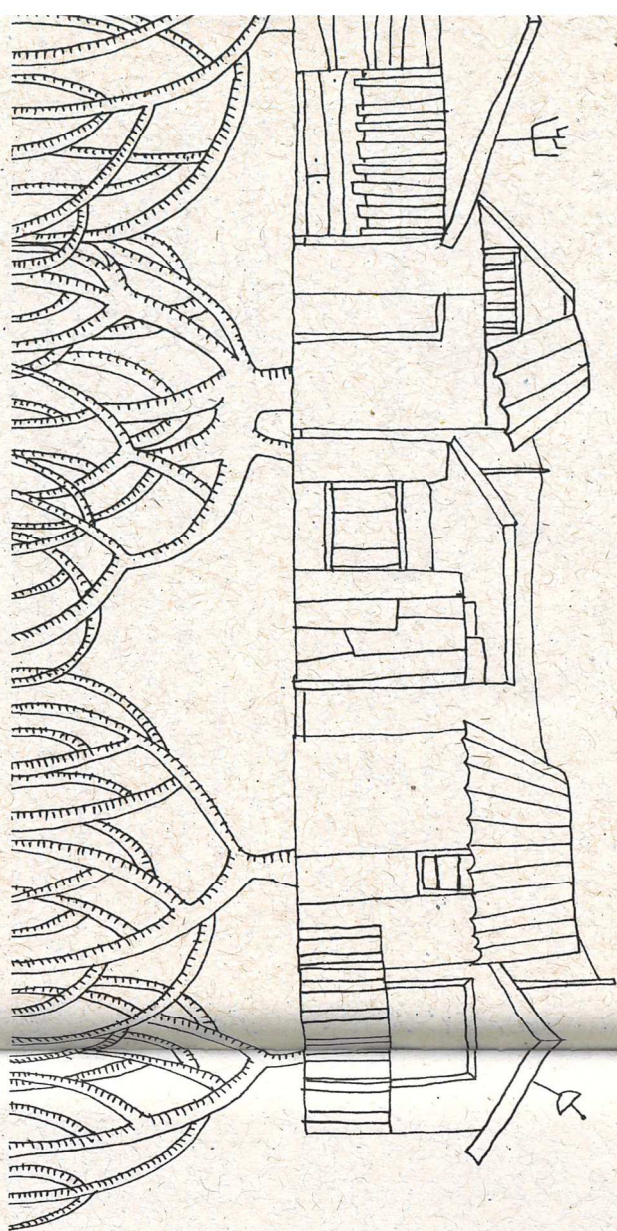
A disposição do espaço escolar está relacionada a estratégias de comunicação da proposta da escola e mobilização da comunidade em torno de determinadas condutas, hábitos e valores

Na UME Martin Afonso, iniciou-se um projeto com professores de português, artes, geografia, história e matemática visando a aproximação da escola com a comunidade do entorno. Com os alunos são realizadas atividades de censo do bairro, resgate histórico (entrevistas com moradores, pesquisa de imagens, reportagens) e jornal mural com auxílio de professores de diferentes disciplinas e de um equipamento público de assistência social. Este projeto culmina com a apresentação das produções dos alunos aos moradores dos bairros por meio de uma festa comemorativa. Além disso, outros eventos periódicos com a participação da comunidade estão previstos ao longo do ano.

Todas as escolas relataram envolvimento com murais, jornais, campanhas e eventos locais. Expressar o projeto da escola, bem como sua contribuição para a valorização ou transformação de determinadas atitudes e hábitos locais, exige a formalização de mecanismos e locais de comunicação do que a escola faz e apoia. Desse modo, articulam-se as ações da escola a um debate sobre a região.

Exposição permanente ou eventual na escola da produção dos alunos

Na UME Padre Manoel da Nóbrega, formalizou-se um espaço de exposição das produções dos alunos que ao longo de todo ano recebe produções de diversas matérias. Curiosamente, este espaço constitui um dos locais mais visitados e preservados de depredações da escola.



3.5. Considerações finais - desafios

A cidade de Cubatão – e por extensão toda a região da Serra do Mar – atravessa um momento bastante particular: desde a década de 1970, período de consolidação das grandes vias de acesso construídas para a região, não havia tanto interesse econômico e pressão social sobre a região. O desafio constitui-se em relacionar práticas de conservação e preservação ambientais que propiciem a defesa da Mata Atlântica com o convívio e uso crescente dos ecossistemas locais pela comunidade e turistas.

A rede de agentes e ações de Educação Ambiental da região depende de diferenciações muito claras e contundentes dos territórios e grupos sociais que formam a região para não uniformizar suas propostas e perder de vista o ambiente imediato da cidade. Aprender a diversidade de situações e contextos, e desenvolver propostas relacionadas à vida e aos conflitos dos moradores, torna-se fundamental para que as instituições educativas de cunho socioambiental alcancem e fortaleçam os projetos das escolas e dialoguem com o ambiente humano e natural da região.

Esta publicação é caudatária do amplo debate nacional que está em curso sobre as práticas de Educação Ambiental e sua relação com as instituições escolares. O campo das ações ambientais de cunho educativo constitui-se de um amplo espectro de debate, mas foi adotada uma abordagem socioambiental participativa, com reconhecimento dos sujeitos envolvidos e destaque para as dimensões culturais e econômicas da sociedade local.

A premissa da participação, sustentada pela opção metodológica, manteve toda a produção a aberta a contribuições dos participantes. A publicação dos relatos, registros e propostas almejou não só reportar a experiência colocada em prática – valorizando a importância da construção e produção coletiva do conhecimento –, mas também tornar esta mesma experiência um dispositivo de análise e reflexão para o próprio grupo e instituições e atores interessados no tema: além de fornecer subsídios para os projetos das escolas.

Optou-se, portanto, por investigar não só a produção de Educação Ambiental realizada pelas escolas e instituições contatadas, mas também o contexto socioambiental e o cotidiano de Cubatão, conversando e interagindo com seus diferentes habitantes e ambientes: alunos(as), diretores(as), professores(as), motoristas e lideranças dos bairros, além de visitas a parques municipais e estaduais, indústrias, mangues, rios, eventos; sempre em busca de histórias e memórias locais.

Por fim, estimulou-se o intercâmbio de conhecimento e experiências de desenvolvimento dos projetos das escolas entre os coordenadores pedagógicos e representantes de instituições que atuam no município em Encontros Formativos semanais. Ocasões em que também se criaram novas formas de parceria e troca de experiências entre as próprias escolas e outros agentes.

Ocorre que a escola, assim como outras instituições contemporâneas, enfrenta uma crise de sua legitimidade; em função da desvinculação de seus acordos e propósitos com as situações cotidianas vivenciadas por professores e alunos.

A escola, órgão público de maior capilaridade, vem buscando dar respostas ao desgaste dos valores e acordos coletivos que assolam a institucionalidade vigente e vem se dedicando com maior frequência a projetos e atividades que se relacionem ao dia a dia do seu entorno, comprometendo-se com o envolvimento afetivo dos estudantes, suas realizações, representações prévias e interesses.

Aproximar a gestão do espaço e o desenvolvimento da proposta curricular a um maior envolvimento dos pais e alunos na organização da escola aponta para a busca de uma gestão democrática da instituição. Todavia, o maior desafio dos PPPs segue sendo a definição de procedimentos de acompanhamento das práticas de sala de aula que orientem decisões pautadas na afirmação ou redesenho do projeto da escola.

Segundo Najla Veloso (2007):

A escola sem projeto político-pedagógico construído, discutido, pensado numa sequência lógica que relaciona objetivos, estratégias, ações e finalidades é uma escola com altíssimo percentual de chance de abrir suas portas simplesmente para cumprir as exigências mínimas do sistema de ensino de colocar pessoas em sala de aula para ministrar os conteúdos escolares. Essa escola tem grande chance de ser pouco dinâmica, pouco atraente, pouco promissora, pouco tudo, inclusive, pouco viva.

Bibliografia

- BRANDÃO, Marinez Villela Macedo; BÓGUS, Lucia Maria Machado. À sombra das torres da cidade: industrialização, habitação e meio ambiente em Cubatão. São Paulo: Biblioteca Digital da PUC, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Reflexões, Desafios e Atividades. Brasília: MEC/SECAD, 2008. (Coleção Pensar + Agir na Escola e na Comunidade).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental (SEF). Programa Parâmetros em Ação, meio ambiente na escola: guia para atividades em sala de aula. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). Os diferentes matizes da Educação Ambiental no Brasil (1997-2007). Brasília: MMA, 2009. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/arquivos/dif_matizes.pdf>. Acesso em: 12 set. 2010.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- DIAZ, Alberto Pardo. Educação Ambiental como Projeto. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 24, n. 1, jan./jun. 1998.
- GADOTTI, Moacir. Escola Viva. Escola Projetada. 2ª edição. Campinas: Papyrus, 1995.

- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- MARTIN-BARBBERO, Jesus. *Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo*. São Paulo: Edusp, 2002.
- SEGURA, Denise. *Educação Ambiental nos Projetos Transversais*. In: UNESCO; BRASIL. *Ministério da Educação (MEC); BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Brasília: UNESCO/MEC/MMA, 2007.
- SOUZA, Heilo Augusto Gosalv. *Cubatão Meu Amor: a produção cinematográfica e o si-mesmo*. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- UNESCO; BRASIL. *Ministério da Educação (MEC), Coordenação Geral de Educação Ambiental; BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA), Departamento de Educação Ambiental. Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Brasília: UNESCO/MEC/MMA, 2007.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Inovações e Projeto Político-Pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória?* Caderno Cedes, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281.
- VELOSO, Najla. *Entre Camelos e Galinhas: uma discussão acerca da vida na escola*. In: UNESCO; BRASIL. *Ministério da Educação (MEC); BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Brasília: UNESCO/MEC/MMA, 2007. Disponível em: portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf. Acesso em: 10 set. 2010.
- WIZIACK, Suzete Rosana de Castro. *A educação ambiental e o Projeto Político-Pedagógico na Escola*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas, 2001.

Entrada:	13/05/2015
Indicação:	SMA-CEA
Aquisição:	Doação
Preço:	
Tombado em:	26/06/2005

**CETESB - Companhia
Ambiental do Estado de São**

11/05/2015 32110

EMPRESA: CEMISA

Endereço: RUA CARLOS DE CARVALHO, 150 - JARDIM BOM DIA

Operador:

Resposta: 22/05/2015

Nome: CEMISA

CEMISA

Se este livro não for devolvido dentro do prazo regulamentar, o leitor ficará sujeito às penalidades do regulamento da biblioteca

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para este livro.